

# CONVERGÊNCIA



- Às voltas com o poder
- A liderança das mulheres em uma nova maneira de ser Igreja
- Vida Religiosa e Igreja na América Latina
- O Evangelho de Judas – Traidor ou libertador?



CRB

# Sumário

EDITORIAL .....	385
PALAVRA DO PAPA .....	390
INFORME CRB .....	392
ARTIGOS .....	403
Às voltas com o poder .....	403
J. B. LIBANIO	
"A liderança das mulheres em uma nova maneira de ser Igreja" .....	414
MERCEDES NAVARRO PUERTO, MC	
Vida Religiosa e Igreja na América Latina .....	427
C. CALIMAN, SDB	
O Evangelho de Judas – Traidor ou libertador? .....	440
FREI JACIR DE FREITAS FARIA, OFM	

*A ilustração da capa da Convergência de 2006, da artista Eleanor Corrêa Lanes, ICM, Itaguaí-RJ, evoca o ícone da itinerância do povo de Deus e do Deus do povo. A Vida Religiosa, itinerante e solidária, de pés ligeiros e mãos abertas, caminha na fidelidade ao Espírito, que faz novas todas as coisas. O projeto gráfico da capa foi elaborado na Letra Capital Editora.*



## CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB

ISSN 0010-8162

### DIRETORA RESPONSÁVEL:

Ir. Maris Bolzan, SDS

### REDATOR RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB  
(Reg. 12679/78)

### EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial:

Ir. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade, NJ

Pe. Francisco Taborda, SJ

Pe. Jaldemir Vitório, SJ

Pe. Cleto Caliman, SDB

### DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar

CEP 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2240-7299

Fax (21) 2240-4486

E-mail: [crb@crbnacional.org.br](mailto:crb@crbnacional.org.br)

Registro na Divisão de Censura e

Diversões Públicas do PDF

sob o nº P. 209/73

*Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.*

Assinatura

Anual

para 2006

Brasil: R\$ 80,00

Exterior: US\$ 80,00 ou o correspondente em R\$ (Reais)

Números avulsos: R\$ 8,00 ou US\$ 8,00

# Editorial

- CRB -

- BIBLIOTECA -

R. Alcindo Guanabara, 24/4º - Cinelândia  
Cep 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

04 SET 2006

## A palavra é vida

MARIA CARMELITA DE FREITAS

Quando se fala em Palavra, mesmo que se refira à Palavra de Deus, é fácil cair no lugar comum ligado ao raciocínio mental, mais próximo da aridez que do revigorante e fecundo oásis que é a Palavra, enquanto Palavra Revelada e também enquanto meio de comunicação humana. Pensa-se frequentemente numa leitura – bem ou mal feita – ouvida – ou não ouvida – com indiferença ou tédio. Pensa-se, outras vezes, em textos intermináveis – mais ou menos compreensíveis. Mas a Palavra é muito mais que tudo isso. Mais especificamente, a Palavra de Deus é viva! Produz e gera vida ali onde é acolhida na fé.

Na Igreja do Brasil, o mês de setembro é, tradicionalmente, o mês da Bíblia, da Palavra de Deus. Essa *pedagogia pastoral* de fazer da Bíblia centro de atenções especiais durante todo um mês ganhou espaço crescente nas comunidades de Igreja e na Vida Religiosa, nas últimas décadas. Somos assim, periodicamente, convidados a perguntar-nos mais atentamente pelo alcance e pela eficácia transformadora da Palavra de Deus em nossa vida e em nossas comunidades.

Somos urgidos a deixar-nos conduzir pela força que dela dimana, a encontrar nela alimento para o caminho e fonte inesgotável de vitalidade espiritual e de esperança.

Na perspectiva do deixar-nos interpelar pela Palavra de Deus, alguns aspectos são particularmente sugestivos e fecundos.

**A Palavra é criadora.** Segundo o relato do primeiro capítulo do Gênesis *Deus disse* e o que tinha que ser, foi, aconteceu, passou a existir, através da potência criadora da sua Palavra. A narração de Gênesis não é o comentário jornalístico de um acontecimento do princípio que permanece no passado, no início de tudo. Intenção do texto sagrado é, também, dizer que Deus cria sempre, que *continua* criando com a sua palavra, a cada dia, a cada momento. Essa Palavra criadora de Deus continua a ecoar para cada ser humano, para cada ser dos cosmos. Continua criando e re-criando todas as coisas. Tomar consciência disso significa abrir-se a essa permanente ação da Palavra de Deus e aceitar ser *co-criadores* com ele. No mundo atual, isso significa também aceitar o tremendo desafio de pre-

servar o meio ambiente, de assumir corajosamente a causa da ecologia, de aliar-se a todas e todos que buscam dar ao Planeta Terra condições de vida e de sustentabilidade, para além dos interesses econômicos e de mercado.

As conseqüências práticas desse compromisso com a **Palavra criadora** de Deus no atual contexto são múltiplas e pedem aos cristãos e aos religiosos grande sensibilidade aos sinais dos tempos e audácia profética. "Quem tem a palavra, tem o poder", dizem os teóricos da linguagem. Mediante a força da Palavra, temos o *poder de criar*, de gerar o novo, de ajudar a transformar atitudes e estruturas. Cada seguidor de Jesus está chamado a ser portador de uma palavra criadora, que abençoe, que construa, que renove, que abra horizontes, que seja semeadora de paz e de justiça, prenunciadora da nova criação. Até que ponto nos deixamos invadir pela força criadora da Palavra? Somos *criadores* de vida nova para nossos irmãos, para nossa sociedade, para o cosmos?

**A Palavra é luz:** "Lâmpada para os meus passos, luz para o meu caminho" diz o salmista (Sl 119,105). Nas trevas do nada, da não existência, do caos primordial, a Palavra é centelha de luz que faz explodir a vida e a beleza. Os antigos místicos falavam em *mysterium lunae*, isto é, o cristão pode ser como a lua: não tem luz própria, mas reflete aquela que recebe do sol – de Deus. Embora seja uma linguagem menos usual na atualidade, João Paulo II, falando sobre o início do terceiro milênio, convida os cristãos a assumirem este mistério, a se tornarem "reflexos" de Cristo. Isto acontece quando deixamos que a palavra aja em nós, quando a recebemos na fé, quan-

do a acolhemos com o coração transparente, quando a interiorizamos e deixamos que cumpra em nós a sua missão, para a qual foi enviada, como diz o profeta. (Is 55,10-11). Amiúde, porém, acontece que essa Palavra que é luz nos amedronta, nos incomoda. Então, preferimos não enxergá-la, não ver através da sua luz. Corremos, o risco de perder vigor profético e de *apagar a mecha que ainda fumeja*.

Em meio às *trevas* da injustiça, da violência, da negação do *outro* que ameaçam envolver o nosso mundo, como fazer resplandecer a luz da Palavra? Como ser testemunhas dessa Palavra iluminadora e transformadora na sociedade neoliberal e excludente de hoje? Como nos tornarmos, nós mesmos, luz para outros, como aquela que não se esconde sob um móvel, mas que se coloca sobre a mesa para que ilumine toda a sala? (Mc 4, 21).

**A Palavra é anúncio.** "*Ide e anunciai que o Reino está próximo*". Estamos chamados a ser pregoeiros da Boa Nova, portadores da Palavra, anunciadores da *nova criação*, do *novo céu* e da *nova terra*. Mas que significa, tudo isso na atual conjuntura histórica? Que significa ser arautos da Palavra, profetas do Deus de Jesus, num mundo de *tantos deuses* e de *tantos ídolos*? Que significa deixar que a força profética da Palavra guie e conduza a nossa voz para anunciarmos que só Deus é absoluto e que toda tentativa de absolutizar o relativo é pecaminosa?

**A Palavra se fez carne.** "*No princípio era a Palavra e a palavra se fez carne e veio habitar entre nós*", reza o evangelista João no prólogo do seu Evangelho. Jesus Cristo é a Palavra viva do Pai. A Palavra, desde sempre pronunciada pelo Pai, em

determinado momento da história da humanidade “*se fez carne*” e “*veio habitar entre nós*”. A Palavra infinita e eterna, encarnou-se, num movimento kenótico, até se tornar completamente silêncio, o silêncio da cruz libertadora.

Que nos diz hoje, em nosso cotidiano, essa Palavra pronunciada pelo Pai, a Palavra eterna do Pai, que se fez carne e habitou entre nós? Como entender, à luz do Verbo feito carne humana, a *lei da encarnação*, a solidariedade com os pequenos e os excluídos, o respeito à diversidade cultural e religiosa? Como eliminar do nosso compromisso cristão os dualismos platônicos e os espiritualismos desencarnados e alienantes?

A Palavra Criadora, a Palavra Luz, a Palavra Anúncio, a Palavra Carne nos provoca à conversão e nos congrega para a Missão. Estar à escuta, encarná-la em nossas opções de vida e na história concreta dos nossos povos, ser testemunhas da sua presença libertadora no mundo são desafios permanentes para a Vida Religiosa.

Para isso se faz necessária uma atitude fundamental: a abertura da mente e do coração, a exemplo de Maria, aquela que ouviu, guardou, e meditou no seu coração a Palavra de Deus, e a deu ao mundo. Aquietemos, pois, nossa mente, nosso coração de todos os *rumores* que nos impedem de ouvir: ouvir a Deus no silêncio da oração e no clamor da realidade, ouvir a voz do irmão que caminha conosco no anonimato, ouvir a angústia dos sofredores e dos excluídos, ouvir o grito da Terra ferida. E que essa escuta não termine na insensibilidade, na acomodação ou na intolerância, senão que produza frutos de solidariedade, de justiça, de compromisso profético-transformador com a causa de Jesus, Palavra feita carne.

Neste mês de setembro, Convergência leva às comunidades a *palavra* de teólogos e teólogas, irmãos e irmãs de caminhada. São artigos escritos para impulsionar, dinamizar e re-criar o entusiasmo primeiro de nossa vocação à Vida Consagrada, como servidores do Reino, fiéis à **Palavra** ouvida e seguida na fé.

João Batista Libanio, sj, no seu artigo – “**Às voltas com o poder**” – faz uma interessante e oportuna reflexão sobre o poder e as formas de exercê-lo. O texto começa com uma visão analítica das formas históricas de exercício do poder em vários âmbitos – família, política, Igreja católica -, conferindo destaque às transformações ocorridas ao longo do tempo, especialmente nas últimas décadas do século XX. Em relação com a Igreja católica, afirma que “a forma do exercício do poder na Igreja chegou a impasse que exige reformulação, a começar pela instância romana. Há dois caminhos possíveis. O reencontro criativo com a fonte evangélica e a releitura crítica do percurso histórico. O primeiro refontiza a questão do poder. O segundo relativiza as formas, porque mostra a existência de tantas diferentes e compatíveis com a revelação”. Na segunda parte do artigo, o autor expõe os pontos críticos e as perspectivas de futuro. Para ele, a pessoa, as mensagens e as práticas de Jesus oferecem amplo espectro crítico e profético, ensinando a “relativizar as instâncias políticas, as pessoas constituídas em poder, não só as despóticas e que se arrogam toda autoridade e direito, mas também as democráticas”. O texto conclui com uma referência às CEBs e aos Movimentos Eclesiais surgidos nas últimas décadas, e às chances históricas de cada uma dessas instâncias

eclesiais de contribuir para a real transformação das relações de poder na Igreja católica. Neste ano de eleições no País, o texto tem peculiar interesse e atualidade. Merece ser bem trabalhado nas Comunidades.

**“A liderança das mulheres em uma nova maneira de ser Igreja”** – de Mercedes Navarro Puerto, mc, é um texto sugestivo e questionador. A autora parte de três constatações importantes: – o poder que as mulheres têm e que nem sempre é admitido; – o fato de se ignorar ou ocultar o poder que se tem; – os problemas que as mulheres têm com o próprio poder ignorado e não reconhecido. Destaca como problemas desta natureza a delegação, a demonização e a compensação. Na Segunda parte do artigo, a autora tece interessantes considerações sobre duas modalidades sistêmicas de poder: o poder patriarcal e alternativo contra-patriarcal, e o *“empoderamento”*. Segundo a autora, esta última modalidade é “um dos princípios fundamentais do modelo emergente de poder nas mulheres. Em termos teológicos, o *“empoderamento”* coloca-nos na mesma linha de vitalidade, energia, potencialidade e desdobramento criativo e poderoso da Ruah divina”. A Terceira parte do artigo desenvolve questões referentes à autoridade, poder e liderança de mulheres. Nesta ótica, menciona três tipos de poder: o reticular e de cooperação, o descentralizado e multicêntrico, e o poder de *“empoderar”*. Na conclusão a autora pergunta se é possível encontrar no Evangelho formas libertadoras e transformadoras de poder e trata panoramicamente a questão à luz do Evangelho de Marcos e afirma: “Para poder transformar a realidade nós mulheres precisamos do poder que emana da atitude confi-

ante e da confiança que emana do poder. É, sem dúvida, uma questão de superabundância, de espírito pascal”.

O artigo de Cleto Caliman – **“Vida Religiosa e Igreja na América Latina”** – é um texto de peculiar relevância e atualidade, na presente conjuntura da preparação da V Assembléia do Episcopado latino-americano, a realizar-se em maio de 2007, em Aparecida. Como perspectiva de abordagem do tema, o autor opta por percorrer o itinerário das várias Assembléias Gerais do CELAM, para extrair desse itinerário aquilo que considera mais relevante e questionador para a caminhada da Vida Religiosa no Continente. Oferece, assim, aos leitores uma rica e elucidativa visão crítica de cada uma dessas Assembléias e dos seus desdobramentos teológico-pastorais. Sobre a Assembléia do Rio de Janeiro (1955), o autor lembra que ela se deu num contexto onde germinavam sementes de mudança, em tempos de nova cristandade, mas que tanto a Assembléia como seu documento final estão eivados de espírito tridentino, apologético, anti-protestante e anti-moderno. Não captam nem catalisam os ares renovadores do pré-Vaticano II. Não trazem para a Vida Religiosa nenhum impulso transformador significativo. O texto descreve Medellín (1968) como um grito profético em meio a esperanças e angústias de um momento histórico de grandes mudanças eclesiais, alentadas pelo Concílio, e de conflitividade política e social em muitos países do Continente, e que impulsionou a Vida Religiosa na busca de um novo lugar social no meio dos pobres. A Assembléia de Puebla (1978) é vista no texto como o esforço do Episcopado para traçar uma nova estratégia pastoral, num con-

texto de conflitividade intra-ecclesial na interpretação do Concílio e de Medellín. As repercussões desse conflito são analisadas com lucidez. Segundo o autor, o documento de Puebla – o documento que mais espaço conferiu à Vida Religiosa – provoca Religiosos e Religiosas a se inserirem na caminhada do Povo de Deus na América Latina como resposta cristã e ecclesial às exigências da realidade. Santo Domingo (1992), observa o texto, acontece num contexto ecclesial claramente involutivo e representa a busca de uma nova pedagogia pastoral. O documento final não tem a mesma força profética de Medellín e Puebla. Ocupa-se pouco da Vida Religiosa, mas exorta os Religiosos e Religiosas a perseverar na grande tradição iniciada em Medellín e a ser *vanguarda* na Missão da Igreja. O artigo conclui referindo-se à V Assembléia do CELAM e augurando que “a Assembléia de Aparecida ouça a voz da realidade do continente, especialmente dos pobres, no compromisso com a justiça social; ouça a voz das Igrejas da AL e do Caribe, para que nossos povos tenham realmente Vida plena”.

**“O Evangelho de Judas. Traidor ou Libertador?”** – de Jacir Freitas, ofm- – é um artigo oportuno e atual. Seu objetivo é veicular informações e projetar luz sobre a polêmica suscitada pela recente publicação do manuscrito apócrifo “*O Evangelho de Judas*”. O artigo se desenvolve em três tópicos. O primeiro – *a figura de Judas em*

*outros fragmentos apócrifos* – é um conjunto de pequenas histórias relacionadas com a vida ou atividade do apóstolo, contadas em fragmentos de textos coptas, escritos entre os séculos V e VII. No segundo – *o contexto no qual é produzido o texto apócrifo* –, o mais extenso e informativo, o autor apresenta dados precisos sobre a datação do texto, situando a sua gênese no século II, em torno do ano 150, e a origem do manuscrito recentemente publicado, entre os séculos III e IV. Tece também interessantes e esclarecedores comentários sobre o ambiente gnóstico ao qual remete o *manuscrito*, situando-o na história e traçando as grandes linhas dessa corrente de pensamento que teve sua influência no cristianismo dos primeiros séculos. O terceiro – *o perfil de Judas no texto em questão* – descreve em breves pinceladas o perfil de Judas tal como é traçado no texto apócrifo. Na conclusão, entre outras coisas o autor afirma: “O documento encontrado pode ser verdadeiro, mas não o seu pensamento. Obras de ficção também eram escritas naquela época. E é dentro de seu contexto que elas precisam ser compreendidas”. E ainda: “O Jesus histórico que pregou a libertação do ser humano de toda e qualquer vil opressão não poderia ter pedido para ser traído. O Evangelho de Judas pode nos ajudar a compreender ou trazer mais luzes para o estudo do gnosticismo, mas não mudar o curso da história cristã”.



# Palavra do Papa

## Palavras de reflexão do Papa Bento XVI na paróquia de Rhêmes-Saint Georges

Vale de Aosta, 23 de julho de 2006

Somente uma breve palavra de meditação sobre a leitura que acabamos de ouvir. Surpreende-nos, por detrás da dramática situação no Próximo Oriente, a beleza da visão ilustrada pelo Apóstolo Paulo (cf. *Ef 2, 13-18*): Cristo é a nossa paz. Ele reconciliou uns aos outros, judeus e pagãos, unindo-os no seu Corpo. Ultrapassou a inimizade no seu Corpo, na Cruz. Mediante a sua morte, Ele superou a inimizade e uniu todos nós na sua paz.

Porém, surpreende-nos ainda mais que a beleza desta visão, o contraste com a realidade que vivemos e vemos. E, num primeiro momento, não podemos senão dizer ao Senhor: "Mas Senhor, o que é que nos diz o vosso Apóstolo: "Estão reconciliados"?". Na realidade, nós vemos que não estão reconciliados... Ainda existe a guerra entre cristãos, muçulmanos e judeus; e há outros que fomentam a guerra e tudo ainda está repleto de inimizade e de violência. Onde está a eficácia do vosso sacrifício? Onde está, na história, aquela paz de que o vosso Apóstolo nos fala?

Nós, homens, não podemos resolver o mistério da história, o mistério da liberdade humana de dizer "não" à paz de Deus. Não podemos resolver todo o mistério do relacionamento Deus-homem, do seu agir e do nosso responder. Temos que aceitar o mistério. Todavia, existem elementos de resposta que o Senhor nos oferece. Um primeiro elemento esta reconciliação do Senhor, este seu sacrifício não permaneceu sem eficácia. Há a grande realidade da comunhão da Igreja universal, de todos os povos, a rede da Comunhão eucarística, que transcende as fronteiras de culturas, de civilizações, de povos e de tempos. Existe esta comunhão, existem estas "ilhas de paz" no Corpo de Cristo. Existem. E são forças de paz no mundo. Quando observamos a história, podemos ver os grandes Santos da caridade que criaram "oásis" desta paz de Deus no mundo, que acenderam sempre de novo a sua luz e também eram sempre de novo capazes de reconciliar e de criar a paz.

Há os mártires que sofreram com Cris-



to, que deram este testemunho da paz, do amor que impõe um limite à violência.

E vendo que a realidade da paz existe não obstante subsista a outra realidade podemos entrar mais profundamente na mensagem desta Carta de São Paulo aos Efésios. O Senhor venceu na Cruz.

Não venceu com um novo império, com uma força mais poderosa do que as outras, e capaz de aniquilá-las; não venceu de maneira humana, como nós imaginamos, com um império mais forte do que o outro. Ele venceu com um amor capaz de chegar até à morte. Este é o novo modo de Deus vencer: à violência Ele não opõe uma violência mais vigorosa. À violência opõe o contrário: o amor até ao fim, a sua Cruz. Esta é a forma humilde de Deus vencer: com o seu amor e somente assim é possível Ele pôe um limite à violência. Trata-se de uma maneira de vencer que nos parece muito lenta, mas é o verdadeiro modo de vencer o mal, de derrotar a violência, e devemos confiar-nos a este modo divino de vencer.

Confiarmo-nos quer dizer entrarmos ativamente neste amor divino, participarmos nesta obra de pacificação, para estarmos em sintonia com aquilo que o Senhor diz: "Bem-aventurados os pacificadores, os promotores da paz, porque são os filhos de Deus". Na medida da nossa capacidade, devemos levar o nosso amor a todos os sofredores, conscientes de que o Juiz do Juízo Final se identifica com as pessoas que sofrem. Por conseguinte, aquilo que realizamos pelos sofredores, fazemo-lo ao Juiz Último da nossa vida.

É isto que é importante: que neste momento possamos anunciar ao mundo esta sua

vitória, participando de maneira ativa na sua caridade. Hoje, num mundo multicultural e multirreligioso, muitos se sentem tentados a dizer: "É melhor para a paz no mundo entre as religiões e as culturas, não falar demasiado sobre as especificidades do Cristianismo, ou seja, de Jesus, da Igreja e dos Sacramentos. Contentemo-nos com coisas que possam ser mais ou menos comuns...". Mas não é verdade. Precisamente neste momento na hora de um grande abuso do nome de Deus precisamos do Deus que vence na Cruz, que não derrota com a violência, mas sim com o seu amor. É exatamente neste momento que temos necessidade do Rosto de Cristo, para conhecermos o autêntico Rosto de Deus e para transmitirmos, assim, reconciliação e luz a este mundo. Por isso, juntamente com o amor, com a mensagem do amor, com tudo quanto podemos fazer pelos sofredores neste mundo, temos que oferecer também o testemunho deste Deus, da vitória de Deus, precisamente mediante a não-violência da sua Cruz.

Assim, voltamos ao ponto de partida. O que podemos realizar é dar o testemunho do amor, o testemunho da fé; é sobretudo elevar um clamor a Deus: podemos rezar! Estamos certos de que o nosso Pai ouve o brado dos seus filhos. Na Missa, preparando-nos para a Sagrada Comunhão, para receber o Corpo de Cristo que nos une, oremos com a Igreja: "Livrai-nos, ó Senhor, de todos os males e dai-nos hoje a vossa paz". Seja esta a prece no momento presente: "Livrai-nos de todos os males e dai-nos hoje a vossa paz". Não amanhã ou depois de amanhã: Senhor, dai-nos hoje a vossa paz!

Amém.

# Informe CRB

## 1. Congresso Nacional "Novas Gerações e VR" Ecos e Perspectivas

A CRB Nacional realizou, nos dias 15 a 18 de junho, o Congresso Nacional *Novas Gerações e VR*, proporcionando um amplo espaço de encontro, de reflexão e provocação para toda a Vida Religiosa do Brasil, em torno dos três grandes eixos temáticos que nortearam o percurso do projeto. Como parte de um grande processo desencadeado nas bases através dos 64 grupos de reflexão espalhados por todo o Brasil, o Congresso se constituiu em um espaço comum de busca, no esforço de compreender as mudanças culturais e de resignificar a missão profética da Vida Religiosa Consagrada para o mundo de hoje.

A grande adesão da Vida Religiosa a este Congresso marcou significativamente a caminhada da CRB Nacional. Eram aproximadamente 1200 religiosos e religiosas vindos de todas as regiões do Brasil que, independente de idade, função institucional e de atuação missionária, se reuniram em torno de questões comuns e preocupados/as com a qualidade da presença evangélica da Vida Consagrada, no mundo de hoje. Isso também foi possível pela metodologia de Congresso, que permitiu a diversidade e

participação ampla da VR, sem seleção de grupos específicos.

O Congresso teve como tema *Memória, Poder e Utopia*. Foi organizado da seguinte maneira: três conferências sobre os principais eixos temáticos do projeto, cinco mesas com temas que se desdobravam dos eixos temáticos, debates, tribuna livre, testemunhos. Em cada mesa abriu-se espaço para uma fala jovem a respeito do tema em debate.

Fez parte da programação do Congresso a apresentação do processo desencadeado na concretização do Projeto "Novas Gerações e VR" e de alguns dos seus resultados. Isso se deu através da colocação da síntese global das contribuições recolhidas numa leitura analítica feita, anteriormente, pela Equipe de Reflexão Teológica da CRB e pela exposição dos pôsteres elaborados pelos grupos de reflexão. Através destes foi possível visibilizar o dinamismo participativo e a caminhada dos diferentes grupos organizados em nível nacional. Nos Pôsteres cada grupo procurou evidenciar algo relacionado ao tema discutido como partilha do processo feito e para interagir com os congressistas.

Um dos grandes destaques foi a participação marcante de jovens, tanto na organização e animação do Congresso, quanto na reflexão da temática, expondo suas idéias, reagindo às colocações dos assessores/as ou tomando a palavra nas tribunas livres. Foi uma participação alegre e esperançosa, mas também crítica e comprometida.

## **Ecos do Congresso**

As temáticas das conferências e das exposições, bem como os testemunhos de vivência profética e solidária, trouxeram provocações e luzes para a Vida Religiosa. Cada congressista sentiu-se convocado/a e interpelado/a a dar passos mais ousados no caminho da profecia, da solidariedade e da missionariedade e, assim gerar uma “nova geração” de Vida Religiosa, capaz de responder com qualidade evangélica os desafios e apelos do tempo presente. A experiência de ter participado do Congresso, contagiou e abraçou corações; abriu horizontes e suscitou reflexões; fortaleceu a missão e levou a VR a re-pensar sua missão no mundo de hoje.

Vejamos alguns dos ecos que chegaram à CRB Nacional e que evidenciam o significado deste Congresso para a Vida Religiosa Consagrada do Brasil.

“O Congresso NG e VR foi para mim uma forte e inédita manifestação de Espírito Santo na e para a VRC do Brasil! Voltei “grávida” deste projeto!... Um novo rosto para a VRC está surgindo. Obrigada à CRB Nacional por ter ousado convocar esse Congresso” (Ir. Madeleine Hausser, Presidente da CRB Regional de Palmas).

“O Congresso foi um marco significativo na vida de todas/os nós que participamos. Acredito que esses ecos vão produzir vida nas nossas Regionais e Congregações religiosas. Senti-me muito feliz em ter par-

ticipado deste processo. A equipe organizadora da CRB Nacional está de parabéns! Foi tudo muito bem organizado (Ir. Fátima Alencar, MP – Grupo de Recife-PE).

“Soy Chileno, religioso de la Orden Premonstratense. Felicito a todos aquellos que trabajaron en la organización de tal congreso, considero que fue muy bueno. Como Chileno quede admirado por la participacion de la juventud en tal congreso. Son un ejemplo para los países vecinos. Creo que los temas abordados fueron enfocados con profundidad y de manera clara. Espero que puedan seguir tomando otros temas para reflexionar. Veo que el Testimonio de la Ir. Ivete es un ejemplo a seguir. Gracias por darme la oportunidad de participar” Ir. Andrés (Chileno).

“O Projeto “Vida Religiosa e Novas Gerações” está mostrando que a interação de gerações é possível e promissora. É por este caminho que poderá surgir, como em outros tempos, uma “Nova Geração” de mulheres e homens apaixonados por Jesus Cristo e pela proposta do Reino de Deus, capazes de re-significar a Vida Consagrada para a Igreja e a sociedade de nossos dias” (Delir Brunelli, CF).

“O Congresso NGs e VR trouxe à VRC Jovem um novo ardor e Paixão pelo Reino de Deus. Sou Juniorista, e participando deste belíssimo Congresso, afirmo que realmente vale a pena sermos ‘Mulheres de nenhum homem’, no meio desta sociedade machista. Fiquei novamente apaixonada pelo Projeto de Jesus Cristo” (Ir. Maria José – “Grupo Fonte” – Canoas RS).

O Congresso significou um marco a mais na caminhada da Vida Religiosa. Sinto que o trabalho realizado na base (grupos de reflexão) deu uma grande oportunidade de refletir sobre nossas escolhas de vida diante de um mundo tão conflitivo. O momento

do Congresso em si, abriu espaço para ouvir a voz daqueles e daquelas que sonham e vivem a realidade da Consagração, que se inquietam e buscam uma vida mais conformada com a do Mestre (*Ir. Alanice Ribeiro, SMIC – Grupo de Manaus, AM*).

As palavras se tornam limitadas para expressar o que significou este congresso com cada uma das palestras, dos testemunhos, das reações... Este congresso foi, para mim, "um divisor de águas". Alimentou o sonho de um Amor profundo e o desejo de viver a partir Dele no meu dia-dia. Foi uma semente lançada e que desejo cultivar como memória viva que fecunda o cotidiano com um novo sentido. Reconheço que também para toda a VR foi um marco, uma "estufa" de sementes que cultivadas em cada coração darão frutos a seu tempo. Parabéns a toda equipe da CRB Nacional pela organização do Congresso (*Ir. Rosane Piccin – Grupo "Fonte de Renovação" – Santa Maria – RS*).

O Congresso foi para mim um momento de retomada, de contemplar a nossa história de vida consagrada com olhos de gratidão pela fidelidade de tantas irmãs e irmãos. Momento de olhar para nossas comunidades e vislumbrar um novo modo de viver pautado no diálogo, respeito, participação, partilha, sem perder de vista nosso referencial: Jesus Cristo e Seu Reino. Momento de reconhecer a força que somos e temos, que se somadas podem construir uma nova sociedade. Foi também um momento de reacender a chama da opção pelos pobres ao contemplar o testemunho simples e desafiador de Ir. Dalva Ivete de Jesus (*Claúdia A. Macedo, INSC – Grupo de Porto Velho – RO*).

O Congresso das Novas Gerações para mim foi um momento de re-significar a própria vida enquanto religiosa que busca

e anseia por algo "novo" – entrar na essência da Vida Religiosa e perceber o sentido que ela tem para a sociedade e Igreja. Penso que o momento vivido serviu de provocação e também para nos desinstalar de nosso "mundinho", sermos mais ousados/as para com o projeto que Jesus Cristo tem a nos oferecer. Estar no meio daquela multidão de religiosos/as foi simplesmente maravilhoso! (*Maria das Graças Verônica de Lima "Grupo Vida" – Porto Alegre – RS*).

### Realces e Perspectivas...

Na reflexão do último dia do Congresso, Ir. Maris Bolzan, Presidente Nacional e os demais membros da Diretoria abriram espaço para que as/os participantes expressassem o que ficou mais destacado no processo desencadeado pelo Projeto Novas Gerações e VR e as perspectivas de continuidade. Na impossibilidade de recolher todas as falas, registro aqui apenas os destaques percebidos pela Diretoria da CRB Nacional:

- A metodologia participativa do Projeto e do Congresso.
- O claro protagonismo das Novas Gerações.
- O permanente diálogo entre as gerações.
- O apoio irrestrito da Conferência dos Religiosos do Brasil.
- Grande acolhida e envolvimento por parte das novas gerações.
- Desejo e liberdade de expressar experiências e sonhos.
- Consciência dos limites pessoais e institucionais.

No que se refere ao prosseguimento da experiência vivenciada e realizada mediante o Projeto e o Congresso das Novas Gerações, foram pontuados os seguintes aspectos:

- Aproveitar a estratégia dos Grupos de Reflexão para avançar em outras dimensões da VR como a missionariedade, o

resgate da inserção e os novos espaços de presença solidária...

- Publicar, divulgar e aproveitar as reflexões surgidas na realização do Projeto e do Congresso.
- Retomar a questão das Novas Gerações e os temas do Congresso nas Assembléias Regionais, com a participação dos congressistas.
- Buscar meios para ajudar as Congregações a rever e redimensionar seus itinerários de formação, à luz dos temas aqui abordados.
- Retorno ao Evangelho, sem atenuantes.
- Buscar a realização pessoal mediante a vivência de uma única paixão, com duas faces: paixão por Deus e paixão pelos pobres.
- Continuar ensaiando alternativas de convivência humana na dimensão da economia, de gênero, de raça, de relações em geral.

Neste caminhar, mais do que nunca, somos desafiadas/os a nos abrir à ação da Divina Ruah e deixar que ela nos conduza por caminhos de vida. Como já expressou uma jovem religiosa da Bahia: "A Vida Religiosa é filha do Vento, e para onde ele nos encaminha devemos seguir sem medo, dúvida ou receio, mas na confiança inabalável de que Ele está a nos sustentar..."

Enfim, o Congresso foi momento significativo e oportuno para a VRC. Ele não teve a preocupação de apresentar conclusões imediatas, mas sim, abrir espaço de expressão e reflexão com diferentes pessoas e grupos, deixando que isso tudo, no tempo oportuno, produza os frutos necessários para que VRC do Brasil continue marcando a diferença, pela sua qualidade evangélica, num contexto de mudança de época. O sucesso da realização se deve tam-

bém a todo um processo participativo que foi sendo feito na concretização do Projeto. Foi bonito ver as equipes e pessoas envolvidas dando o melhor de si para que tudo ocorresse da melhor forma possível.

Concluo este breve relato com o poema de Ir. Ana Maria Rodrigues, NDSC:

### **O Congresso foi:**

*Um tempo de graça,  
Um tempo de tecer o novo  
Um tempo do aqui e o agora  
Um tempo de tecer, com os fios da profecia  
Um tempo de assumir a história  
Um tempo de confirmar a memória do ontem que é alicerce no hoje  
Um tempo de mergulhar no mais profundo de nossos desejos  
Um tempo de sentir o que faz o nosso coração arder  
Um tempo de desejar, de arriscar, de se perder  
Um tempo de saber de onde vim, para onde vou, com quem vou  
Um tempo de questionamento,  
Um tempo presente de provocações  
Um tempo de gritar e ressoar em todo lugar a hora  
Tempo é hora  
A hora de mudanças,  
Hora de acelerar o percurso, sem sair do caminho profético  
Hora do testemunho, que somente ele, será a palavra final.*

Sim, o Congresso sinalizou que esta é a HORA. Hora de configurarmos um novo rosto para a Vida Consagrada, pois os tempos atuais pedem uma Nova Geração de Vida Religiosa.

*Ir. Neiva Furlin, CF*  
Assessora Executiva Nacional

## 2. Reflexão e partilha de quem participou do Congresso

### 1. As Novas Gerações somos todos nós

Ainda é possível acreditar no Projeto de Deus consagrado no coração de jovens e adultos no chão esperançoso da Vida Religiosa. Quando tudo parece fragilizado uma "Fonte de Água Viva" brota do chão que já viu muitas lágrimas. Sim, há muitas lágrimas que ofuscam a nossa visão e escondem a força sonhadora que renasce de nossa alma impregnada de coragem. Cada rosto jovem que se fazia presente no "mar" de pegadas que vinham de todos os cantos do Brasil trazia uma paz, uma inquietação e uma palavra de provocação. Timidamente os passos se aproximavam, mas depois parecia que não queriam mais sair de perto um do outro. Aquela ternura fraterna, humana e amiga foi enriquecendo o ambiente do Colégio Salesiano Santa Terezinha, em São Paulo, que com tanto carinho nos acolheu. Éramos em torno de mil e duzentas pessoas em busca de um único objetivo: dinamizar a Vida Religiosa sem perder a memória, humanizar o poder a partir do serviço e resgatar a utopia com a integração da afetividade e da sexualidade para poder transcender em nossa própria eleição, colocando o amor de Deus em primeiro lugar.

Era um Congresso, portanto um encontro de reflexão, debate, fala jovem, reação da platéia, testemunhos e também um pouco de animação nos breves intervalos. A humildade dos "grandes", isto é, dos superiores e das superiores muito me impressionou. Éramos todos iguais, seguidores de

Jesus Cristo, com dificuldades, com crises e com uma vontade muito grande de querer acertar. Me encantei com a sinceridade daquelas pessoas consagradas, com o jeito sereno de ser, com a paz e com a inquietação que carregavam em seus corações. As partilhas foram diversificadas, os testemunhos calaram fundo, nos emocionaram e até nos fizeram chorar. Ficamos de pé para aplaudir vidas consagradas que arrancaram lágrimas de nossos olhos. No final do testemunho, o Frei Luis Carlos Susin não resistiu, pediu o microfone e falou: "precisamos da biografia dessa mulher. O que vocês acham?". Todos, mais uma vez, ovacionaram o pedido. Estou falando do testemunho da Irmã Ivete de Jesus. Foi realmente muito marcante. Mas houve muitos outros testemunhos. Cada Conferência trazia uma riqueza que não podia ficar perdida na mente daqueles que tiveram o privilégio de se fazer presente. Nesse sentido, graças à excelente organização do evento e ao trabalho exaustivo da coordenação da CRB – Conferência dos Religiosos do Brasil – nós pudemos ter em mãos a publicação do Pe. Márcio Fabri dos Anjos sobre a pesquisa das Novas Gerações. Para nossa alegria será produzido um DVD pela Verbo Filmes sobre os temas abordados no Congresso, juntamente com os testemunhos.

Destaco a seriedade do grupo, a riqueza das reflexões, as profundas críticas feitas com seriedade às incoerências da Vida Religiosa e o desafio para o novo amanhã, que não está tão obscuro e escondido como

pensávamos. Há muito brilho no coração de muitas pessoas que engrossam as fileiras da Vida Consagrada. Faltou a presença de alguns movimentos eclesiais e congregações que nos dias de hoje nos fazem pensar, como a Toca de Assis, por exemplo. Falou-se de fronteiras que deverão ser rompidas, de comunidades mistas, de mais presença e menos estruturas, mas falou-se também da importância da estrutura. O nosso encontro, por exemplo, só foi possível por causa de uma obra (Colégio) que tinha condições para acolher a todos.

Dentre tantas coisas que foram ditas me chamou a atenção quando se falou de uma pesquisa feita em São Paulo com leigos, os quais citaram que os religiosos/as são as pessoas de maior credibilidade na sociedade, hoje. Os leigos gostam de trabalhar com os/as religiosos/as. Afirmam que os religiosos/as revelam paz, alegria, esperança, vida de oração e serenidade. Os religiosos/as apontam com mais eficiência para o paradigma da liberdade porque carregam em si mesmos o eco do amor.

Em tempos de crise, aliás, se falou muito a palavra "crise", é necessário aprender a carregar a cruz sem medo de apresentar o rosto do crucificado tatuado no próprio semblante para que a ressurreição não se perca de vista. A vocação é um dom que dialoga com o Senhor da Mesa a partir dos eleitos do Senhor. Um dos momentos que mais me chamou a atenção foi a palestra do Pe. Ângelo Perin, MS, quando falou dos discípulos de Emaús. O momento mais marcante dessa parábola não é exatamente a fala de Jesus que apenas aquece o coração, mas a partilha do pão. É a partilha do pão que traz a resposta para a maioria das inquietações. As pessoas querem uma res-

posta para as crises. O Pão Vivo e partilhado entre os irmãos, que é o próprio Cristo na Eucaristia é a nossa mais plena resposta. Só iremos partilhar o pão se tivermos o coração aquecido com as palavras de Jesus. Para isso será necessário escutá-Lo.

Os rostos jovens trouxeram muitas alegrias e os rostos marcados pelas lidas da vida arrancaram muitos aplausos. Havia um misto de admiração pelos religiosos mais experientes. A vida deles era o próprio testemunho. Isso nos encorajava na caminhada. As Novas Gerações somos todos nós que sonhamos um tempo novo na Vida Consagrada sem perder de referência a memória, o poder-serviço-doação e a utopia a partir da entrega de nosso ser, por inteiro, por amor a Jesus Cristo.

*Pe. Marcionei Miguel da Silva, CSJ*  
Grupo "Água Viva" - Caxias do Sul - RS

## **2. Novas Gerações e Vida Religiosa**

A participação do Congresso Nacional "Novas Gerações e Vida Religiosa", nos dias 15 a 18 de junho, em São Paulo, foi uma oportunidade de renovar e confirmar o meu seguimento a Jesus Cristo no caminho da Vida Religiosa Consagrada. O clima fraterno diante do grande número de participantes, a perseverança, assiduidade e atenção aos temas expostos pelos conferencistas, bem como as reflexões tecidas pelas inúmeras manifestações em foro aberto dos participantes foram momentos que causaram em mim grande impressão, revelando o grande ardor escondido da juventude da Vida Religiosa.

Mais uma vez a Vida Religiosa mostrou-se pela sua presença forte no país, através de suas várias faces e expressões nas diferentes culturas o modo próprio de seguir

Jesus Cristo. A causa é a mesma – o seguimento a Jesus Cristo e seu Reino – mas as formas de responder à vocação ganha uma diversidade de expressões, gerando uma riqueza e propiciando qualidade à existência da Vida Religiosa no Brasil.

Este Congresso nos levou à São Paulo para nos encontrar, falar de nossos sonhos, de nossas preocupações, de nossas buscas, especialmente para compartilhar o desejo de ser melhor para o mundo e ser melhor na missão que nele realizamos.

O desafio agora é integrar através de uma prática coerente os três grandes temas que refletimos: a memória como resgate de valores que são essenciais e que dão vitalidade e continuidade à VR; a sexualidade-afetividade, estabelecendo com liberdade relações, envolvendo a questão do gênero; e o poder como capacidade de exercer ações em conjunto e a serviço aos outros.

Portanto, urge uma Nova Geração de Vida Religiosa em que a mística venha tomar o coração dos consagradas/os no comprometimento com Jesus Cristo e, a partir dele, viver uma vida mais fraterna, profética, solidária e feliz.

*Ir. Romidio Siveris, FMS*  
Grupo "A Caminho" – Porto Alegre

### **3. Congresso Nacional: Minhas impressões.**

Em primeiro lugar, gratidão e parabéns pelo evento tão organizado, sentido e amado.

Estávamos unidos "num só coração". Foi maravilhoso sentir a harmonia das vidas que ali estavam. Eu quero imprimir e jamais deletar da minha vida o que senti de otimismo, de convicção, de perseverança e de esperança numa VRC mais viva e eficaz no meio do povo. Juventude quer sim,

uma vida de seguimento radical, objetiva, clara nos seus projetos, sonhos e realizações. Precisamos ser de fato, mais parceiros, mais solidários e fraternos. Se assim formos, o mundo nos verá com um olhar de esperança e de fé e as pessoas dirão: eles/as se amam, de tal forma que a memória da VRC será um registro histórico que marcará um tempo vivido. Se vivermos a fraternidade, acolhida em nossas comunidades poderemos dizer que o afeto constrói, edifica e solidifica idéias, pessoas que além de reunidas estarão unidas de coração. Será que tudo é utopia? Parece que não! Sinto que é possível sonhar, mas também construir a VRC feita de esperança através de gestos concretos de solidariedade, desapego, abnegação, fazendo de nossa existência uma profunda e verdadeira missão junto aos mais necessitados da nossa sociedade consumista, exclusivista. Poderemos não ser tão brilhantes, mas quem sabe, fascinantes e fascinados pelo Reino de Deus!

Vimos tantos gestos (testemunhos) transmitidos e realizados por pessoas corajosas que nos remeteu a um silêncio de interiorização, admiração e que calavam em nossos corações. No Congresso, fomos parceiros, mas que bom seria se fora dele continuássemos somando sem pretensões de sermos os melhores do mundo. Precisamos superar as competições e exaltar e desejar mais a caridade fraterna. Oxalá pudéssemos nos curvar diante de quem nos chamou com um coração aberto, puramente encantado pela causa abraçada, pelo doar-se... Acredito sim, que podemos ser de verdade sinal de contradição para este "mundo maluco" no qual estamos inseridos, sem nos incluirmos nele, sendo apenas mais um. Vamos fazer a diferença, vamos sonhar, mas



também realizar ainda em nosso tempo, em nossa época, gestos de solidariedade, de humanidade. Vamos ser não apenas humanos, mas pessoas humanizadas para darmos respostas convincentes de que um mundo melhor é possível porque nele, fazemos a diferença. Sendo assim, com certeza muitos jovens que estão às margens poderiam encantar-se com uma vida vibrante enquanto nós poderíamos apenas dizer: "vinde e vede" porque todas as poderosas estruturas já não dariam tanto sentido à nossas vidas, mas poder de missão, adesão ao Projeto de Deus.

Peço a Deus que abençoe sem cessar a VRC e que nele possamos mostrar o seu rosto de ternura, de compaixão e de zelo pela "messe que ainda se encontra abatida como ovelha sem pastor. Que Ele envie para a Igreja muitos e muitas operárias" Mt. 9,36.

*Ir. Eliete Bauer da Cunha, FDZ*  
Grupo: "Geração a Caminho"  
Criciúma-SC

#### **4. Congresso Novas Gerações: Um tempo de Kairós**

Foi um privilégio para nós podermos participar de um evento desse porte, em que podemos perceber a riqueza que possuímos na Vida Religiosa Consagrada. Quanto nos enriqueceu as conferências, os testemunhos e as partilhas! Esses são momentos únicos. Realmente são tempos de Kairós.

Como grupo, sentimos que as nossas expectativas foram alcançadas e nos provocam a dar passos. Pois este Congresso nos mostrou que este é um tempo histórico.

Tempo de revitalização da resposta vocacional;

Tempo de fortalecer a opção de ser consagrados/as;

Tempo de escutar os apelos do Espírito para responder melhor o chamado da missão específica dentro da sociedade;

Tempo de abertura ao novo e ao diferente;

Tempo de companheirismo;

Tempo de renovar o ardor dos primeiros anos de Vida Religiosa;

Tempo de diminuir a distância entre jovens e veteranos na VR;

Tempo de fortalecer a mística da caminhada;

Tempo de aprofundar a alegria de ser consagrado/a, testemunhando o Reino que Jesus apresentou;

Tempo de reconstruir uma VR comprometida e encarnada na realidade;

Tempo de ser profetas e profetizas;

Tempo de ser protagonista do novo ser e agir da VRC;

Tempo de alargar a tenda;

Tempo de profundo diálogo com outras gerações;

Tempo de maturidade para assumir com responsabilidade o projeto de Jesus encarnado na VRC e na realidade de nossa sociedade hoje;

Tempo de buscar pistas para a profecia e o protagonismo do novo rosto da VR;

Tempo de experimentar a graça de Deus;

Tempo de...

Obrigada à CRB Nacional por nos proporcionar esses tempos profunda riqueza!

Que o nosso Deus Pai-Mãe continue iluminando e abençoando a caminhada da VR do Brasil.

*Grupo "O Diferente que Gera Vida!" –  
Vitória – ES*

### 3. Roteiro de estudo para as contribuições ao tema "Evangelização da Juventude"

(Estudos da CNBB n° 93)

#### Algumas orientações:

O estudo do texto seja feito na dinâmica grupal, valorizando a acolhida dos/as participantes, a oração, a participação, a criatividade, partilha de vida e envolvimento de todos.

Cuidar para que o estudo não seja uma atividade monótona e meramente intelectual, mas ajude as pessoas e o grupo a perceberem melhor a sua adesão a Jesus Cristo ao compromisso eclesial e social.

Coroar o estudo com um momento celebrativo, onde o grupo tenha acesso à síntese que será encaminhada para o Setor Juventude da CNBB. Por isso:

- Preparar bem o ambiente de encontro (com símbolos que expressem o jeito jovem de ser Igreja).
- Provocar o grupo para ler todo o documento e dar sua opinião (levar o grupo ao confronto do documento com sua experiência, ligando à sua realidade).
- Garantir, uma boa equipe de secretaria para anotar as contribuições do grupo e redigir com clareza a síntese final.

#### 1- Elementos para o conhecimento da realidade dos jovens (Estudos da CNBB 93, p. 11-23 e 73-80):

"Os jovens de hoje e a Igreja em que vivem são influenciados pelos impactos da modernidade e da pós-modernidade. Al-

guns elementos deste momento histórico exercem grande influência na mentalidade, nos valores e no comportamento de todas as pessoas. Ignorar estas mudanças é dificultar o processo de evangelização da juventude – o grupo social que assimila estes valores e mentalidade com maior rapidez. Uma evangelização que não dialoga com os sistemas culturais é uma evangelização de verniz, que não resiste aos ventos contrários, EN 20" (Estudos da CNBB, 93, n° 14).

#### Questão para estudo do grupo:

1 - Os elementos apresentados no primeiro capítulo retratam a realidade em que vocês vivem?

#### Questões para refletir, responder e enviar ao Setor Juventude:

2 - Que aspectos significativos não foram citados para que tenhamos maior clareza sobre a realidade da juventude em suas vulnerabilidades e potencialidades?

3 - Ao estudar atentamente este capítulo, que propostas de reformulação e acréscimos dos parágrafos o grupo faz? (Enumerar o parágrafo, a página no documento e apresentar a nova formulação feita pelo grupo)

#### 2- Um olhar de fé a partir da palavra de Deus e do magistério (Estudos da CNBB, 93, p. 25-37 e 81-94):

"Ser cristão significa conhecer a Pessoa

*de Jesus Cristo, fazer opção por Ele, unir-se a tantos outros que também o encontraram e, juntos, trabalhar pelo Reino e por uma nova sociedade. A Evangelização da Juventude passa por alguns eixos temáticos, a saber, o Seguimento de Jesus Cristo, a Igreja, Comunidade dos seguidores de Jesus, e a construção de uma sociedade solidária...*" (nº. 48).

### **Questões para estudo do grupo:**

1 - O jeito de viver (reuniões, celebrações, formação...) do seu grupo tem ajudado você a conhecer a pessoa de Jesus, a acolher sua proposta e a segui-lo?

2 - Que meios o grupo utiliza para testemunhar sua vivência cristã na comunidade?

3 - De que maneira o grupo expressa seu ardor missionário e seu compromisso cristão, colaborando na construção de uma sociedade solidária?

4 - "O Magistério da Igreja se ocupou muitas vezes com a Evangelização da Juventude..." (Doc. 93, no. 80). Os pronunciamentos da Igreja ajudaram o grupo a se sentir pertencente à Comunidade dos discípulos/as de Jesus?

### **Questões para refletir, responder e enviar ao Setor Juventude:**

5 - Que aspectos significativos não foram citados para ter maior clareza do processo de Evangelização em vista do seguimento a Jesus Cristo: a) na vivência eclesial? b) no compromisso com a transformação social?

6 - Ao estudar atentamente este capítulo, que propostas de reformulação e acréscimos dos parágrafos o grupo faz? (Enumere o parágrafo, a página no documento e apresente a nova formulação feita pelo grupo)

mere o parágrafo, a página no documento e apresente a nova formulação feita pelo grupo)

### **3- Linhas de ação (Estudos da CNBB 93, p. 39-70 e 95-101).**

*"Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi (Jo 15,16)'. Do encontro pessoal com Jesus Cristo, nasce o discípulo, e do discipulado nasce o missionário... Para responder de maneira qualificada aos anseios da juventude, às necessidades da Igreja e aos sinais dos tempos, necessitamos das seguintes linhas de ação..."* (nº. 88-89).

### **Questões para estudo do grupo:**

1 - As linhas de ação apresentadas tem sido trabalhadas em seu grupo? Quais?

2 - Qual linha de ação necessitará maior atenção de seu grupo?

### **Questões para refletir, responder e enviar ao Setor Juventude:**

3 - As oito linhas de ação contemplam o universo da Evangelização da Juventude? O que falta? O que excluir?

4 - Que pistas de ação podem ser acrescentadas para melhorar o agir?

5 - Ao estudar atentamente este capítulo, que propostas de reformulação e acréscimos dos parágrafos o grupo faz? (Enumere o parágrafo, a página no documento e apresente a nova formulação feita pelo grupo).

www.cnbb.org.br. Aqui, logo a seguir, vem indicado o ROTEIRO METODOLÓGICO, que o Setor Juventude da CNBB está propondo, para facilitar a reflexão e a avaliação de cada capítulo do texto e para ver

o que poderia ser acrescentado ao Documento. Não se trata de repetir o que já está no texto, mas de melhorar e completar o mesmo.

Uma vez feito o estudo, enviem, o quanto antes, a síntese das questões indicadas, antes de 1o de fevereiro de 2007, com a identificação e endereço do grupo, ao Setor Juventude da CNBB: CNBB - Setor Ju-

ventude, SE/Sul, Q. 801 Conjunto B, CEP 70401-900 - Brasília-DF (pjb@cnbb.org.br - Fone: (61) 2103.8300 / Fax: (61) 2103.8303).

Agradecendo sua colaboração, peço que Deus ilumine e abençoe seu trabalho; ele é muito importante para vocês mesmos e para as próximas gerações de jovens.

## Às voltas com o poder

J. B. LIBANIO

Ano eleitoral. No centro não está a escolha dos candidatos. É a ilusão da propaganda. A questão gira em torno do poder. Quem elege exerce-o. Quem for eleito, fá-lo-á. Tudo não termina aí. Por trás desse duplo exercício esconde a concepção de poder que se tem. O religioso não escapa dessa realidade. Ela envolve a todos em todo momento em que se saia da pura privacidade.

### I. Estado da questão

Como andamos às voltas com o poder? Ele atravessa todas as instâncias humanas, desde as pequeninas no interior de uma família até aquelas que regem o concerto das nações. Tema vastíssimo.

Na **família**, o exercício do poder está a sofrer profundas modificações. A família patriarcal dissolve-se. Ela se caracterizava, segundo a etimologia do termo patriarcal [(pater (pai) + archè (princípio))], por ser o pai, a figura masculina, o princípio de todo poder. Princípio

significa origem, fonte, elemento constituinte da realidade.

A tradição judaica de que o Cristianismo se originou valoriza altamente a tradição familiar patriarcal. O filho é pensado em função do pai. Quando sábio, é-lhe a alegria (Pr 10,1,15,20), mas se o maltrata, é indigno e infame (Pr 19,26). Deve escutá-lo (Pr 23,22), sendo-lhe motivo de gozo, quando segue o caminho da justiça (Pr 23,25; 29,3). Caia sobre o filho que escarnece do pai a maldição de ser esgravatado pelos urubus e devorado pelos filhotes da águia (Pr 30,17)! A mulher também é referida ao marido. É-lhe a coroa (Pr 12,4). O capítulo 31 dos Provérbios descreve-nos a figura clássica da mulher que vive em função do marido e dos familiares.

S. Paulo situa-se nessa tradição, mas já introduz novidades que minam tal imagem, sem tirar-lhe as conseqüências. Caso clássico dos limites da consciência possível, presa ao espaço e tempo históricos,

diriam Luckacs e Goldmann<sup>1</sup>. Ef 5,22s, à primeira vista, soa um texto que mantém a tradição judaica da submissão da mulher ao marido. Na verdade, não implica tal submissão, como literalmente aparece, mas propõe atitude cristã universal para todos e todas de submissão mútua no espírito de Cristo e na força do Espírito<sup>2</sup>. Em outras passagens, Paulo afirma a igualdade fundamental de todos em Cristo, captando a novidade radical do Cristianismo: "já não há judeu nem grego, nem escravo, nem livre, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gl 3,28).

Entretanto, predominou no Ocidente, marcado pela tradição cristã, a família patriarcal que somente começou a ser questionada pelas violentas transformações sociais e culturais da modernidade e especialmente depois da II Guerra Mundial. A drástica diminuição do número de filhos modifica a configuração da família e o pai perde a solenidade de comandar prole numerosa. O crescimento do feminismo elevou a consciência da mulher a pensar-se em nível de absoluta igualdade com o homem. As ondas psicológicas e pedagógicas, ao defenderem maior autonomia da criança e do adolescente, necessariamente reduziram a distância entre filhos e pais. A influência da cultura de massa, calcada em liberação crescente em todas as idades no espírito da ideologia de Maio 68 com o lema "É proibido proibir", rompeu as barreiras de todo autoritarismo. O peso da pro-

paganda, ao visar diretamente aos segmentos jovens da sociedade e incutir-lhes o cultivo dos gostos próprios, isentou-os de ficar à espera das consignas paternas. O enfraquecimento das estruturas socializadoras da sociedade gerou a insegurança crescente dos próprios pais e educadores a respeito dos valores tradicionais. Enfim, fatores múltiplos desagregaram a família e com ela todo e qualquer patriarcalismo e mesmo a autoridade dos pais em relação aos filhos. Produziu-se na família vazío de poder, mais próximo da anarquia ou do faz-de-conta do que de verdadeiro diálogo.

Tal fenômeno pode ser visto a partir do agir de Jesus, que se defrontou com o poder de seu tempo, e da experiência histórica da Igreja e das práticas explícitas de cristãos. A defesa da tolerância, que significou expressivo avanço na consciência social diante de regimes e religiões radicais, integristas e fundamentalistas, ao chegar ao seio da família, produziu desestruturação de toda autoridade. Sexo e drogas foram os campos mais minados pela tolerância na família. Artigos de revistas, colunas de psicólogos nos jornais, pesquisas divulgadas amplamente na imprensa convergem na linha de liberação da criança e adolescente em relação à autoridade da família e da escola. Qualquer imposição de limite aos jovens é interpretada como autoritarismo, intransigência. Na linguagem juvenil, o pai ou professor "está estressado" quando o faz.

**No âmbito da política**, o exercício do poder conheceu muitas figuras. Mesmo

<sup>1</sup> L. Goldmann, *Conscience réelle et conscience possible, conscience adéquate et fausse conscience*, in *Marxisme et Sciences humaines*, Paris, Gallimard, 1970: 121-129.

<sup>2</sup> N. Baumert, *Mulher e homem em Paulo: superação de um mal - entendido*, São Paulo, Loyola, 1999, pp. 193ss.

recentemente tanto a Europa como a América Latina experimentaram regimes de virulento autoritarismo. O nazismo, o fascismo, os governos militares de Segurança Nacional ocuparam bons períodos do século XX. Deixemos tais relíquias do passado e restrinjamo-nos ao regime predominante atualmente: a democracia.

A democracia pretende consubstanciar os sonhos da Revolução Francesa de liberdade, igualdade e fraternidade. Para isso, fracionou o poder em três instâncias: o judiciário, o legislativo e o executivo, para evitar a concentração nas mãos de único soberano. Sábia prática política. Ampliou o nível de participação da população até alcançar o sufrágio universal que permite a alternância e revezamento do poder legislativo e executivo e indiretamente do judiciário. O povo é apresentado como a última instância de poder diante do qual os outros três devem responder.

Na concepção idealizada, a democracia arvora-se em melhor regime. O magistério eclesiástico do século XIX e dos inícios do século XX manifestou-se altamente desconfiado e até mesmo hostil a ela.

Pio VI (1791), logo depois da Revolução Francesa, enviou um Breve a personagens da Igreja da França sobre os malefícios da Revolução. Refere-se às monstruosidades de abolir a religião católica e a obediência aos reis. Critica o direito de onímoda liberdade e de não ser molestado no tocante à religião. Não abona o arbítrio de opinar, falar, escrever e publicar livremente sobre temas re-

ligiosos. E tudo isso era considerado fruto da igualdade e liberdade, direito de todos os seres humanos<sup>3</sup>.

Gregório XVI pronuncia-se, em termos veementes, na encíclica *Mirari vos* (1832), contra valores da Idade Moderna considerada sentina, fonte lamacenta, erro pestilento e outras expressões do mesmo jaez. Pio IX e Pio X continuam na mesma linha.

No entanto, no apagar das luzes da II Guerra Mundial, em 1944, Pio XII, diante das perversidades e do colapso iminente do nazismo e fascismo, fez o elogio da democracia. "A democracia apresenta-se como um anseio generalizado de encontrar uma alternativa para o totalitarismo: portanto, apresenta-se como 'a possibilidade de controlar e corrigir a situação dos poderes públicos'; porque, se tivesse existido essa possibilidade, 'o mundo não teria sido arrastado pelo desastroso redemoinho da guerra'<sup>4</sup>.

Hoje, depois do Concílio Vaticano II, a atitude fundamental do magistério e dos católicos diante da democracia modificou-se radicalmente. A posição de Pio XII ganhou consistência. Há consenso político, cultural e teológico sobre a superioridade do regime democrático sobre os já experimentados anteriormente pela humanidade.

**Na Igreja**, a questão é mais complexa. Ela não cabe dentro de mera análise sociológica do poder, mas também não se isenta de reproduzir relações da sociedade. Há tríplice posição da Igreja diante da sociedade na questão do poder. Ela tem origina-

<sup>3</sup> J. I. González Faus, *A autoridade da verdade. Momentos obscuros do Magistério eclesiástico*, São Paulo, Loyola, 1998, p. 143.

<sup>4</sup> I. Camacho, *Doutrina social da Igreja: abordagem histórica*, São Paulo, Loyola, 1995, p. 178.

lidade e irreducibilidade no seu exercício em relação a outros poderes. Sem reconhecer tal especificidade, cai-se em análises apressadas e incorretas. A Igreja depende, porém, dos modelos políticos vigentes na sociedade. Reproduz-lhes certos aspectos. Sofre a influência da história. É regida por seres humanos, que vivem dentro de determinada cultura, e assimilam-na de maneira consciente e inconsciente. As análises sociológicas e psicológicas desvendam tais mecanismos. E, finalmente, a Igreja influencia com sua prática de governo outras instâncias sociais.

A partir dessas três relações entre Igreja e sociedade, conhecemos o estado da questão. A originalidade do poder na Igreja vem de sua natureza e origem última. É comunicado pela via do sacramento que remonta, em termos básicos, à vontade de Jesus. Trata-se de poder divino, sacramental, de origem apostólica. Tal origem influencia a configuração. A primeira geração da Igreja, sob a influência da presença dos apóstolos e da rememoração da prática e ensinamentos de Jesus, criou uma forma que se tornou definitiva para a Igreja. Canonicamente fala-se de "direito divino"<sup>5</sup>. A teologia católica reconhece o episcopado e primado, como exemplos dessa forma definitiva do poder. Ambos são o princípio de unidade da Igreja particular (episcopado) e da comunhão das igrejas particulares (papado). Sem tal realidade, julga-se que a Igreja perderia elementos fundamentais de sua instituição, cuja origem remonta à von-

tade de Jesus. Esse é o consenso no seio da Igreja católica.

Historicamente o poder episcopal partilhou com presbíteros e diáconos o exercício pela mesma via do sacramento. Sacramento é um sinal visível da realidade invisível da graça de Cristo. O sacramento da Ordem, que estabelece o poder na Igreja, expressa, como sua última fonte, a graça vitoriosa de Cristo. Em seu nome se exerce e diante dele se assume a responsabilidade do exercício.

Até aqui o pensamento flui sem dificuldade para a teologia católica. Mas tal poder se exerce sob formas históricas que devem e dependem muito da cultura. E aí entra em jogo o elemento caduco, vulnerável e mutável do exercício do poder. Nem sempre é fácil estabelecer a distinção entre a origem sacramental do poder e seu exercício histórico. Sacralizam-se rápida e superficialmente formas históricas como se elas fossem também de origem divina e imutáveis. Deixando de lado o longo período da constituição e evolução das formas históricas do exercício de poder na Igreja<sup>6</sup>, restringamo-nos ao momento atual.

A dimensão teológica do poder na Igreja não existe quimicamente pura. Isso significa que ela é mediada, encarnada, visibilizada no interior da história e em contacto com modelos políticos de que herda e assume elementos, gerando combinação própria. E como tais modelos se sucedem e se modificam no tempo, também as expressões do poder sacramental se transfiguram.

<sup>5</sup> K. Rahner, Über den Begriff des "Jus divinum" im kath. Verständnis, in id., Schriften zur Theologie: neuere Schriften, 3. ed. Zurich, Benziger, 1968, pp. 249-277.

<sup>6</sup> A. Faivre, Naissance d'une hierarchie: les premières étapes du cursus clerical, Paris, Beauchesne, 1977.



O modelo dos monarcas absolutistas seduziu a estruturação do poder no interior da Igreja. Eles apelavam para poder divino recebido e por isso dispunham despoticamente dos súditos. A proximidade dessa forma de exercício com a teologia oficial eclesiástica embaralhou de tal maneira as cartas que muitos não distinguem até onde existe realmente a vontade de Jesus e a mera sacralização de forma absolutista de governo na Igreja. João Paulo II chegou a aludir a tal confusão, de maneira tangencial, mas clara, ao referir-se ao próprio ministério petrino. Fez três afirmações justapostas. O ministério petrino dificulta o ecumenismo. Ele, porém, remonta à indeclinável vontade de Jesus. A sua forma histórica pode ser modificada. E o papa percebe que tal tarefa o sobrepuja e por isso pede ajuda aos irmãos na fé<sup>7</sup>.

A forma do exercício do poder na Igreja chegou a impasse que exige reformulação, a começar pela instância romana. Há dois caminhos possíveis. O reencontro criativo com a fonte evangélica e a releitura crítica do percurso histórico. O primeiro refontiza a questão do poder. O segundo relativiza as formas, porque mostra a existência de tantas diferentes e compatíveis com a revelação.

No tocante ao outro modelo político atual, a democracia, o magistério oficial entende, como algo positivo para os Estados e governos. Mas nunca a encarou como modelo possível a ser articulado com a dimensão teologal, sacramental do poder na Igreja. O quadro presente no interior da

Igreja privilegia o modelo autocrático e monárquico absoluto ao democrático.

A Igreja exerce também influência sobre a sociedade. Em tempos idos, ela era muito mais significativa, mas mesmo hoje, malgrado a secularização e laicização do Estado moderno, a conduta da Igreja tem peso. Basta recordar que dois Papas – Paulo VI e João Paulo II – discursaram na ONU e suas palavras foram vivamente acolhidas. A posição firme da Igreja católica antibelicista tem criado problemas às incursões bélicas de países poderosos. A defesa de direitos fundamentais referentes à vida – início contra o aborto, no fim contra a eutanásia – tem repercutido em amplos setores. Mesmo quando algum poder se contrapõe a ela, reconhece que discute com instância de credibilidade.

Em termos de Brasil, a relevância da Igreja católica é ainda maior. Durante os governos militares foi uma das poucas, senão a única instituição de peso, que clamou contra as arbitrariedades e violações dos direitos humanos, colaborando na desestabilização do regime militar até a queda definitiva na década de 80. Sem dúvida, para esse colapso contribuiu significativamente a visita do Papa ao Brasil em 1980, ao mobilizar ordenadamente milhões de pessoas e ao mostrar a força do povo e a insustentabilidade de governo em divórcio permanente com os interiores populares.

A Vida Consagrada reproduz, a modo próprio, as estruturas de poder da sociedade e da Igreja. A reflexão que se fez sobre a presença dele na política civil e eclesiásti-

<sup>7</sup> João Paulo II, Carta Encíclica *Ut unum sint* sobre o empenho ecumênico, São Paulo, Loyola, 1995, n. 88, 96.

ca vale também da Vida Consagrada. Mais: esta corre perigo maior de camuflagem. Facilmente se espiritualizam e se "sobrenaturalizam" autoritarismos inadmissíveis nos dias de hoje, vigentes em congregações religiosas. Invoca-se a vontade Deus para cobrir arbitrariedades humanas. Requer-se ainda maior lucidez crítica para distinguir as configurações históricas, passageiras, portanto mutáveis e, às vezes, equivocadas, com o significado profundo da obediência religiosa. Esquece-se que a obediência obriga tanto ao superior como ao súdito a perscrutar e seguir a vontade de Deus. E ele fala por meio da Escritura e dos eventos históricos que precisam ser discernidos. João XXIII recordou-nos a categoria dos "sinais dos tempos" no sentido de fatos históricos que manifestam desígnio salvífico de Deus.

## II. Os pontos críticos e perspectivas de futuro

Como estabelecer uma crítica e olhar para o futuro desde o evangelho e da teologia dentro do quadro que desenhamos? Primeiramente recorrendo à pessoa, às mensagens e às práticas de Jesus que nos oferecem amplo espectro crítico e profético.

Em relação à família, Jesus assume posição paradoxal de submissão e liberdade. Lucas relata-nos um quadro intrigante. Jesus permanece em Jerusalém, no Templo, com desconhecimento dos pais. Afirma a originalidade de sua vocação e, sobretudo, da precedência absoluta de Deus sobre qualquer decisão familiar.

Ensina-nos a face da autonomia de cada um dos membros em relação ao outro no que toca a sua vocação mais profunda. Nin-

guém na família tem direito de impedir o crescimento espiritual do outro, de embar-lhe a realização humana. Em relação aos filhos, vale a lição de Jesus no caso de pais que querem ainda hoje impor a vocação aos filhos, seja induzindo-os a alguma em concreto, seja vedando-lhas.

Ainda hoje na relação matrimonial, existem situações em que um dos cônjuges abafa os germes de vida do companheiro/a por causa de ciúmes, insegurança, temor do crescimento e autonomia do outro/a. Vale recordar um para o outro a frase de Jesus: "Não sabíeis que eu deveria cuidar das coisas do meu Pai?" (Lc 2,49); não sabíeis que tenho direito de realizar-me como pessoa humana e que vínculo e autoridade nenhuma na família se sobrepõe à dignidade humana de cada membro? E não raro tais gestos de autonomia deixam o outro na incompreensão. Não aconteceu o mesmo com Maria e José que também não compreenderam o que Jesus lhes dissera (Lc 2,50)?

É um lado da realidade. Lucas temendo talvez que sua narração significasse uma figura de Jesus fora dos quadros humanos das relações, logo em seguida acrescentou que Jesus voltou a sua terra e permaneceu submisso e obediente a seus pais (Lc 2,51). Jesus ensina-nos a discernir o peso da autonomia e da submissão. Nem tanta autonomia que impeça a relação familiar onde a autoridade é necessária; nem tanta submissão que a pessoa não se desenvolva na família.

Jesus conjugou na vida sentido profundo de liberdade ao lado de amor de dedicação e entrega aos outros. O gesto do lava-pés e mais sublimemente o da eucaristia revelam o extremo da entrega

ao outro. Os filhos são provocados por esse lado, salvo tudo o que se disse acima sobre a autonomia e liberdade, a olhar para os pais como aqueles a quem cabe obedecer, fazer felizes, aprender. Os esposos, um em face do outro, como Paulo ensina no aspecto positivo e hoje válido de Efésios 5,21-33, entendem-se em relações de entrega mútua. A TEB – Tradução ecumênica da Bíblia – capta muito bem esse sentido, ao dar ao texto o subtítulo de relações novas. Não se trata, pois, de entendê-las nos moldes das relações antigas de machismo e superioridade. Homem e mulher renunciam a toda relação de dominação, de qualquer lado que seja, e buscam ter os sentimentos de Cristo e de cultivar o único dever do serviço da caridade.

Mantendo tanto a liberdade e autonomia em nome da própria dignidade e da percepção do projeto de Deus na vida quanto o desejo de ser aquele que serve e ouve o outro (*ob+audire* = obedecer), reconstroem-se os vínculos da família para além do todo patriarcalismo e anarquismo. Nem autoritarismo destruidor das pessoas nem a oposta carência de princípio de ordem e limite necessário para a formação dos filhos e real convivência familiar.

No plano da sociedade, o ensinamento e a prática de Jesus é contundente. Um fato corriqueiro de inveja entre companheiros ofereceu ocasião para Jesus estabelecer o princípio básico da compreensão e prática do poder. Em dois contextos diferentes, Jesus insiste na nova ótica do poder. No primeiro, a mãe dos filhos de Zebedeu pede a Jesus que eles se assentem um à direita e o outro à esquerda no seu Reino. Os dez ficaram indignados com tal pedido e Jesus

então chamando-os, disse-lhes: “Sabeis que os governadores das nações as dominam e os grandes as tiranizam. Entre vós não deverá ser assim. Ao contrário, aquele que quiser tomar-se grande entre vós seja aquele que serve, e o que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o vosso servo”. Para que não ficasse nenhuma dúvida, ele mesmo, o Filho do Homem, não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20,20-28)). Alude em Lucas que ele está à mesa como quem serve (Lc 22,27). O que aliás ele fará com o gesto simbólico do lava-pés na Última Ceia (Jo 13,1-17), deixando-nos o mandato de nos lavarmos mutuamente os pés (Jo 13,14). E ainda ajuntou pormenor importante: “Se compreenderdes isto e o praticardes, felizes sereis” (Jo 13,17).

Em outro momento, eram os discípulos que disputavam entre si quem seria o maior. Ficaram envergonhados quando Jesus lhes perguntou sobre que discutiam no caminho. Sentando-se, chamou os discípulos e disse-lhes: “Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último e aquele que serve a todos”. (Mt 9,33-35). Se na Ceia Jesus usou a metáfora do lava-pés, aqui ele tomou uma criança e identificou-se a ela. Quem acolher uma delas por causa de seu nome, acolhe a ele mesmo (Mc 9,36s). Em Mateus vai mais longe a força da parábola viva, pedindo que nos convertamos como as crianças para entrar no Reino dos Céus e quem se tornar pequeno como ela, será o maior no Reino dos Céus (Mt 18,3-4).

Além desse conjunto impressionante de ensinamentos, está toda a vida de Jesus como a maior parábola do sentido da compreensão e prática do poder. Diante dos poderes de seu tempo, seja representados

por pessoas quanto por instituições, mostrou impressionante liberdade, relativizando-os todos. As três instituições mais sagradas para os judeus – o Templo, a Lei, o Sábado – perdem a sacralidade fundamentalista, o valor por elas mesmas, e caem sob a dupla relativização da vontade originária de Deus e do serviço ao irmão.

Em relação à Lei, Jesus se posiciona como alguém que a reinterpreta.

Ousa contrapor-se a ela com o jogo lingüístico. "Ouvistes o que foi dito aos antigos", aí retoma um preceito da Lei, depois acrescenta: "Pois eu vos digo" (Mt 5,21s). Diante do templo: "Pois eu vos digo que está aqui quem é maior do que o templo" (Mt 12,6) e, no final da vida, assumiu a postura profética de expulsar os vendilhões (Mc 11,15-19). Quanto ao sábado, várias vezes pratica curas neste dia, provocando a ira dos fariseus e doutores da lei. Nenhuma dessas atitudes é arbitrária, fruto de algum capricho. Mas nascem da consciência da relação com a vontade do Pai e do cuidado do necessitado.

Em relação às pessoas de poder em Israel, tanto religioso quanto político, Jesus mostrou soberana liberdade, sem bajulação nem sabujice. Diante do Sinédrio, confessou sua missão. A Herodes, que assumira atitude de bufão, reservou o silêncio. A Pilatos, situou-o no devido lugar. Sem rebeldia nem subserviência, e sim com liberdade crítica.

Aprendemos das atitudes de Jesus a relativizar as instâncias políticas, as pessoas constituídas em poder, não só as despóticas e que se arrogam toda autoridade e direito, mas também as democráticas. O fato de, em dado momento, as pessoas assumirem cargos pelo voto soberano popular, não

fecha o espaço às críticas. Em todo processo eleitoral, pré e pós, persiste a consciência da sua relatividade diante de valores autônomos, absolutos e, sobretudo, do serviço real e objetivo ao bem comum.

Em relação à Igreja, a lição de Jesus é ainda mais decisiva e contundente, já que a Igreja se refere a ele como a última e definitiva vontade. Não cabe de modo nenhum na Igreja autoridade e poder que não seja verdadeiro serviço. O risco maior consiste na defasagem entre o discurso e a prática. Conserva-se a fraseologia do evangelho ao lado de prática dissonante com ele.

O Concílio Vaticano II, tocado profundamente pela renovação bíblica e patrística, apontou o caminho de renovação do exercício do poder, ao estabelecer a liberdade fundamental do cristão, a igualdade batismal de todos na Igreja e a colegialidade fraterna e participativa em todos os níveis.

Encontramo-nos com os valores democráticos da modernidade, mas não por direta filiação a eles. Pois são três dimensões fundamentais da Igreja que arrancam da prática de Jesus e da comunidade primitiva. Elas sim influenciaram a cultura ocidental, permitindo que nela se manifestassem os ideais da Revolução Francesa. No entanto, tais traços se tinham obscurecido ao longo da história pelo crescente reforço da obediência à autoridade em vez da liberdade, da dualidade hierarquia e fiel, colocando este em atitude de submissão e dependência àquela e do tricentrismo crescente romano, diocesano e paroquial em detrimento da participação colegiada.

Num segundo momento, a modernidade acordou na Igreja católica, por meio da graça do Pentecostes do Vaticano II, os valores que proclamara na Revolução

Francesa. A liberdade apareceu sob a forma da Declaração *Dignitatis humanae*, tanto ao reivindicar a realidade da liberdade responsável e ampla como apanágio do nosso tempo quanto ao mostrar que ela radica na Revelação. Está dado o aval para releitura em profundidade do exercício da liberdade diante da coação tão presente em muito exercício do poder na Igreja. Apela-se para o uso do próprio critério, da liberdade responsável e da guia pela consciência do dever.

A Constituição dogmática *Lumen gentium* desloca os dois outros cenários dominantes. Pio X ensinara com firmeza que "só na hierarquia residem o direito e a autoridade de orientar e dirigir [...]. O dever da multidão é deixar-se governar e seguir com obediência a direção dos que a regem"<sup>8</sup>. Tal ensinamento recebera no esquema inicial do documento sobre a Igreja expressão, ao colocar um capítulo sobre a hierarquia seguido por outro tratando do corpo dos fiéis. Mas o texto aprovado provocou virada copernicana, ao dedicar todo um capítulo ao povo de Deus, de que todos fazem parte pelo batismo, para só depois tratar da hierarquia em especial. E esta por sua vez é colocada a serviço do povo. Está reconhecida a base da igualdade laical – de laójs = povo – e batismal de todos na Igreja. Só depois se pensa o resto.

Nessa mesma constituição, lança-se a raiz para pensar toda a Igreja na base da participação colegial e colegiada, ao

abordá-la no plano do primado e episcopado. É nova perspectiva de entender o poder, já não mais focalizado nas pessoas isoladas do papa, bispo e pároco, mas deles em comunhão sucessiva com os outros membros da Igreja. É nova lógica no exercício do poder.

O Concílio Vaticano praticou nítido deslocamento na compreensão das relações de poder no interior da Igreja. Entretanto, aconteceu com ele, o que sucedeu com muitos aspectos avançados da Constituição brasileira. Não saíram do papel, não por maldade ou boicote, mas por falta de regulamentação. O novo Direito Canônico, que talvez tenha tido tal pretensão, não conseguiu muito. Nesse sentido, o Concílio é obra inconclusa. Vale citar aqui boutade que ouvi de Gustavo Gutiérrez, ao perguntarem-lhe a opinião sobre a convocação de novo concílio: "Que antes se cumpra o Vaticano II!"

Tanto mais importante se faz o aprofundamento da nova visão das relações de poder apresentadas pelo Concílio, quanto mais as últimas décadas assistiram a refluxo generalizado de centralismo de poder<sup>9</sup>. A dimensão de colegialidade encontrou pouca ou quase nenhuma efetividade, sendo até mesmo impedida por novas disposições canônicas, dentro de clima invernal de pouca liberdade e coragem profética, abafado pelo medo e pelo controle institucional.

Se a prática de Jesus se fez decisiva para entender o poder na Sociedade e

<sup>8</sup> Documentos de Pio X. Documentos da Igreja, v. VII, São Paulo, Paulus, 2002, p. 7-288.

<sup>9</sup> J. I. González Faus, El meollo de la involución eclesial, in: Razón y Fe 220 (1989) nn. 1089/90 pp. 67-84; O neoconservadorismo. Um fenômeno social e religioso, in: Concilium n. 161 – 1981/1; F. Cartaxo Rolim, Neoconservadorismo eclesiástico e uma estratégia política, in: REB 49(1989) pp. 259-281; J. Comblin, O ressurgimento do tradicionalismo na teologia latino-americana, in: REB 50 (1990), pp. 44-73.

Igreja, com muito mais razão o deve ser na Vida Consagrada. Os religiosos, superiores e súditos, professam o seguimento de Jesus. A pessoa, o ensinamento e a prática de Jesus traduzem concepção absolutamente nova do poder. Todo ele é pensado em vista do serviço. A expressão mais forte aparece na epístola aos filipenses, onde Paulo retoma hino anterior. São versículos de extremo peso. "Ele (Cristo Jesus), subsistindo na condição de Deus, não pretendeu reter para si ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo, tornando-se solidário com os homens. E, apresentando-se como simples homem, humilhou-se, feito obediente até a morte, até a morte da cruz (Fl 2,6-8). Jesus não podia renunciar ao ser divino, mas ao prevalecer-se dele. Assim na relação de poder na Vida Consagrada, o superior não pode abdicar da autoridade, mas de impor-se por meio dela. Antes é provocado por Jesus a aniquilar-se, assumindo a condição de servidor.

## Conclusão

Sob o aspecto da relação de poder na Igreja, dois fenômenos têm significado novidade, prenhe de conseqüências para o futuro da Igreja, em direções divergentes. Não se trata aqui de apresentá-los como alternativa absoluta, mas de perceber a predominância de um deles e,

por conseguinte, o perfil de Igreja que se delineia.

Desde os primeiros anos depois do Concílio, a Igreja católica do Brasil e de outros países da América Latina viu surgir as comunidades eclesiais de base. Elas introduziram nova maneira de pensar o poder, como tanto se escreveu, ao trabalhar-se teoricamente a categoria de base<sup>10</sup>. E dois pontos trazem novidade. Desenha-se pluralidade e diversidade de ministérios no interior das comunidades, desfazendo o monopólio do ministro ordenado, de um lado, e, de outro, instaura-se a coordenação por meio do colegiado de representantes das comunidades. Caminha-se para pensar o poder em forma de rede de comunidades nos diferentes níveis<sup>11</sup>.

O outro fenômeno expressivo na Igreja católica, que interfere diretamente na estruturação das relações de poder, são os novos movimentos eclesiais<sup>12</sup>. Outro continente. Aponto unicamente para o paradoxo de tais movimentos. Reivindicam para si a liberdade de constituírem-se como "associações públicas de fiéis" e têm mostrado muita originalidade e criatividade na forma dos carismas. No entanto, no seu interior nem sempre vige esse mesmo clima de liberdade e criatividade e se colocam a serviço do reforço do centralismo atual. Sob tal aspecto, não se

<sup>10</sup> L. Boff, *Igreja, carisma e poder*, Petrópolis, Vozes, 1981, especialmente: pp. 196-212.

<sup>11</sup> Ver a explicitação dessa figura no exercício do poder: P. A. Ribeiro de Oliveira, *Unidade estruturante da Igreja*, in C. Boff, I. Lesbaupin et alii, *Comunidades de base em questão*, São Paulo, Paulinas, 1997, pp. 121-175.

<sup>12</sup> Veja-se a crítica incisiva de G. Urquhart, *A Armada do Papa. Os Segredos e o Poder das Novas Seitas da Igreja Católica*, Rio/São Paulo, Record, 2002.

modificariam as relações de poder na Igreja católica, mas se reforçariam.

Portanto, as esperanças de real transformação das relações de poder no seio da Igreja católica se situam do lado das comunidades de base, especialmente quando pensadas em rede. E, em termos de Igreja local, no espírito desse movimento, tem-se constituído a prometedora figura da Assembléia do Povo de Deus. Não deixa de ser auspicioso que a Igreja de Belo Horizonte já tenha realizado na última década duas Assembléias do Povo de Deus, sendo que a

última tomou a decisão de ser uma "Igreja de comunidades, articuladas em rede"<sup>13</sup>.

À luz dos dois fenômenos, a Sociedade, a Igreja no conjunto e a Vida Consagrada têm muito que aprender. Talvez esteja surgindo aí algo muito novo e promissor. O futuro nos dirá.

---

J. B. Libanio. Teólogo. Professor de Teologia no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus de Belo Horizonte. Assessoria teológica em nível nacional e internacional. Várias obras publicadas.

Endereço do autor:

Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 - Planalto  
31720-300 Belo Horizonte - MG

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1- Que nova concepção de poder sugerem a pessoa, o ensinamento e a prática de Jesus?
- 2- Que significa para minha vida pessoal e comunitária a mudança de conceito de poder introduzida por Jesus?
- 3- A que práticas concretas na vida comunitária a visão de poder de Jesus conduz?

**“A tradição judaica de que o Cristianismo se originou valoriza altamente a tradição familiar patriarcal.”**

---

<sup>13</sup> Arquidiocese de Belo Horizonte, II Assembléia do Povo de Deus, mimeo, Belo Horizonte, s/d.

# "A liderança das mulheres em uma nova maneira de ser Igreja"<sup>1</sup>

MERCEDES NAVARRO PUERTO, MC

## Introdução

O conceito de liderança inclui os de poder e autoridade. As mulheres só poderão ter liderança na Igreja se tiverem poder e autoridade. Nas páginas seguintes, e sob uma orientação basicamente psicológica, refletirei sobre a liderança de mulheres centrada no poder mais que na autoridade.

O quadro em que geralmente se trata da liderança costuma ser um quadro de *escassez*, excludente, orientado pelas operações mentais de subtração e divisão. A autoridade e o poder se consideram bens limitados, escassos, destinados a algumas pessoas que acederam a estes bens por méritos próprios que assim lhes foram reconhecidos, é um bem por reconhecimento de um grupo mais ou menos numeroso, é um bem amparado em *direitos divinos*. Aqueles que os adquirem, diz esta mentalidade, excluem outros de sua aquisição. O quadro em si mesmo já define o conceito e o seu uso. A autoridade nele será algo adquirido e outorgado mediante o reconhecimento e dificilmente será partilhado. O poder, por sua vez, será considerado um bem cuja posse implica o domínio de certos (muitos) recursos e o direito à influência de maior ou menor grau, sobre outras pessoas, grupos e bens de outra natureza, incluída especialmente a econômica. Pode-se partilhar algumas cotas de poder, sobretudo onde pre-

domina o pressuposto da democracia, porém não sem o temor da perda a cada vez que se partilha.

A equação é clara: quanto mais poder acumulo, mais poder tenho; quanto menos poder acumulo, menos poder tenho e menos poder me é reconhecido. Não é necessário ser muito perspicaz para deduzir que se trata do modelo patriarcal que perdura nas nossas sociedades e na Igreja.

A minha reflexão se enquadra num modelo diferente que desafia estes pressupostos patriarcais. Neste modelo a autoridade e o poder são bens universais, como acontece com outros tipos de bens (materiais, naturais), e a suposição da qual parto é a da abundância (soma e multiplicação) que se traduz, como explicarei em seguida, na entrega do poder (próprio e alheio). A equação seria: quanto mais poder eu tenho, mais poder eu posso outorgar (não somente partilhar), e quanto mais poder outorgo, mais poder tenho. Com a autoridade sucederia algo semelhante, ainda que com matizes diferentes. Por questão de clareza, falarei preferentemente de poder, deixando de lado a autoridade, por enquanto, pois entendo que é o poder das mulheres que está em jogo nessa nova maneira de ser Igreja, o que tornaria possível o acesso a postos de liderança. A pretensão das mulheres de adquirir cotas de

<sup>1</sup> Traduzido de TESTIMONIO n. 214, marzo-abril 2006, pp. 81-96. Tradutora: Áurea Marin.



poder e de que este poder lhes seja reconhecido histórica e atualmente, é percebida como origem de conflito, mal-estar e irritação de ânimos dentro da Igreja patriarcal católica. Não obstante, trata-se de uma questão complexa e utilizo o conceito de complexidade no sentido positivo e aberto do paradigma de pensamento complexo.

## I. Constatações

### 1. *O poder que se tem*

É resultado de pura e simples observação a conclusão de que até as crianças querem o poder, porém também é verdade que, de fato, elas têm poder, muito mais do que estamos dispostos a admitir. Do mesmo modo, podemos dizer que as mulheres têm poder. Suas modalidades são, histórica e socialmente diferentes das dos homens, das possibilidades de utilizá-lo e beneficiar-se dele, como fazem os homens com o beneplácito de uma importante maioria, incluídas numerosas mulheres. A distribuição e funções que social e eclesiasticamente se outorga a umas e a outros, e as desigualdades que tudo isto comporta, criam uma barreira importante.

A história antiga e a recente nos informam sobre o poder e os poderes das mulheres, a maioria das vezes utilizado em benefício do povo e, não obstante, percebido como perigoso até se chegar ao ponto de eliminá-las por isso. Basta recordar as acusações de bruxaria e trato com os poderes malignos das sábias e poderosas mulheres que conheciam os remédios para a saúde física, psíquica e es-

piritual de outras pessoas, ou que tinham as capacidades que hoje chamamos de para-psicológicas mais desenvolvidas. Para não falar do medo do poder das personalidades fortes, dos afetos intensos, dos atrativos e das belezas físicas, das inteligências privilegiadas e da demonstrada sabedoria<sup>2</sup>, santidade e fortaleza cristã, de muitas mulheres. A história da Igreja precisa entoar alto e claro um "mea culpa" a este respeito, para que haja justiça às vítimas do medo nelas projetado e do abuso do poder coercitivo e letal que exerceram sobre tantas mulheres só pelo fato de que tinham um poder que não podiam esconder nem passava desapercibido.

Ainda que não nos tenhamos libertado do modelo patriarcal, tampouco deixamos de constatar que algo está se movendo em relação ao poder e aos papéis de liderança feminina. Recentemente várias mulheres acederam aos postos máximos do poder político, a chanceler da Alemanha, a presidente do Chile e da Libéria, que se somam a tantas outras já eleitas. Outras, se preparam para assumir, nos próximos anos, como é o caso do Peru e dos Estados Unidos. Na mentalidade coletiva, não sem dificuldades e resistências, vai entrando a necessidade de que exista paridade de gênero real e visível nos lugares de poder onde se tomam as decisões: governos de nações, conselhos de empresa, direção de departamentos, reitorados de universidades, prefeituras... E, alheia aos fortes chamados dos sinais dos tempos, a Igreja católica não parece caminhar significativamente neste sentido. As mulheres católicas, pelo con-

<sup>2</sup> Seria interminável a referência à literatura que resgatou do esquecimento e da invisibilidade da história patriarcal tantas e tantas mulheres poderosas e de grande autoridade.

trário, caminham em todo o mundo de mil modos: enlaçando catedrais, manifestando-se pública e massivamente, firmando manifestos, por presença ou ausência nas liturgias, ativa ou passivamente... expressando sua consciência de pertença e sua condição de sujeito pleno onde se tomam as decisões que, direta (a maior parte das vezes) ou indiretamente, as afeta.

## 2. O poder que se tem e não se sabe de ter

Um dos efeitos do patriarcado é o medo que as mulheres têm do exercício do poder, isto é, do exercício público e masculino do poder legítimo e reconhecido<sup>3</sup>. As mulheres vão descobrindo que o poder é também uma responsabilidade, ou melhor, um tipo de responsabilidade ao qual não estão habituadas, num meio que lhes resulta hostil, em que elas têm que lutar com armas que nunca foram suas e nas quais nunca foram treinadas. São numerosas as críticas que se dirigem às que se atrevem a adquirir cotas de poder. Elas são qualificadas de duras e ambiciosas, são julgadas traidoras dos modos femininos do exercício do poder, considerados, a priori e acriticamente, melhores que

os masculinos, ocultando a história interminável do poder feminino que não conseguiu transformar os sistemas nem incidiu significativamente na vida pública nem beneficiou explícita e diretamente às mulheres, como, em vez, aconteceu com os homens. Estas críticas, entretanto, tomam mais difícil de se escapar à culpa feminina por exercer o poder. Nos âmbitos religiosos, especialmente na vida religiosa feminina, este exercício direto se esconde e se apóia, frequentemente, em razões e argumentos improcedentes, quando se misturam diferentes níveis de análise<sup>4</sup>.

É neste nível que é preciso tomar consciência do perigo que supõe a resistência a reconhecer e valorizar na justa medida o poder que se tem. A resistência e a ignorância desse poder costuma ser muitas vezes pré-consciente, às vezes inconsciente. Pertence à responsabilidade moral a tomada de consciência para introduzir no próprio projeto de vida e impregná-lo de fé, critérios e convicções que o rejam. Ter poder e não se inteirar de que se tem é como manter uma força sob pressão, obrigada a expressar-se de modo indireto e sob a marca da frustração ou, como é muito comum, projetá-lo

<sup>3</sup> O feminino não é público nem é reconhecido e legitimado.

<sup>4</sup> Por exemplo, o recurso à vontade de Deus, à ação do Espírito Santo, etc., em uma análise cujo nível não seria religioso, mas o político, o social, o de grupo... assim que, mudando o nível, poderiam ser perfeitamente compatíveis com a leitura e interpretação religiosa da realidade em que se pode apelar para a ação divina. Um dado de simples observação é a resistência a usar certos termos que são substituídos automaticamente por outros. Por exemplo, usar o termo *serviço* como sinônimo de *poder*, realizando uma superposição indevida de planos, cujo efeito é o ocultamento (nada inocente) da dimensão política e pública, que remete a modelos não religiosos. A linguagem expressa um pensamento, o pensamento costuma estar impregnado de emoções e afetos, a linguagem, ademais, *cria e reforça* a realidade; não por nada existe a censura para o pensamento e a expressão verbal e escrita... Uma coisa diferente seria relacionar os termos, sem necessidade de se ocultar ou reduzir nenhum deles. Por exemplo, dizer que o exercício do poder dentro da Igreja ou dentro da vida religiosa (e não somente da autoridade) precisa ser iluminado e impregnado pelo espírito de serviço evangélico, que permite avaliar cada uma das realidades confrontando-as entre si.

externamente, especialmente em outras mulheres, aquelas a quem não se reconhece nenhum poder, a quem se vai combater, anular e aquelas cujo exercício da autoridade ou poder se vai invejar. É evidente que nada disto ajuda a solidariedade de gênero. O patriarcado utilizou com êxito esta projeção negativa que, ao não reconhecer e admitir para si [autoridade e poder] como algo positivo e valioso, tampouco se pode reconhecer para as outras. É o caso de tantas mulheres, sobretudo dentro da Igreja e da própria vida religiosa, dispostas a reconhecer autoridade, prestígio e poder a qualquer homem e negá-los sistematicamente a outras mulheres, próximas ou distantes.

### **3. Os problemas das mulheres com o próprio poder ignorado e não reconhecido**

Além dos já citados, as mulheres há outros problemas com o poder. Desejo chamar a atenção sobre alguns deles: a delegação, a demonização e a compensação.

*Delegar o poder a outros e outras.* A dificuldade de muitas mulheres para reconhecer o próprio poder, para lidar com ele e aprender a utilizá-lo e exercê-lo, muitas vezes, leva-as a delegar este poder a outras pessoas. Na família a mulher delega ao marido ou companheiro; às vezes aos filhos, sobretudo se forem homens; no trabalho delega aos seus chefes homens ou mulheres; na política e na sociedade, aos líderes eleitos; na comunidades eclesiais, à hierarquia... Logicamente, quando falo de *delegar* refiro-me ao próprio, ao poder que uma mulher tem e que lhe compete e do qual ela é responsável. Esta delega pode resultar cômoda, porém, sutilmente se está passando um recibo a si mesma e ao seu

redor que a torna uma credora. A delega do poder se concretizou, às vezes, no desfrute vicário do mesmo, por exemplo, mulheres que vivem através do poder do marido, em vez de explorar, reconhecer e desenvolver o próprio poder.

*Demonizar o poder.* O mecanismo de projeção antes mencionado, traduz-se nas mulheres, muitas vezes, na demonização do poder, e isto é muito esclarecedor sobre os problemas que traz consigo. Em primeiro lugar, diz que o poder é algo que não é percebido como um bem, quando na realidade ele o é. O poder humano é um potencial, como se pode dizer dos impulsos ou de outros bens associados à condição humana. Em segundo lugar, a demonização do poder, de todo poder, é uma projeção da parte sombria e negada que a própria pessoa tem. Essa projeção canaliza negativamente as forças internas, o que as torna, todavia, mais perigosas. O patriarcado utilizou este mecanismo para seus fins sexistas dificultando demais a solidariedade de gênero entre as mulheres.

*Compensar a (suposta) falta de poder.* O terceiro mecanismo defensivo que aponta os problemas das mulheres com o poder é o da compensação, que se traduz concretamente em diversas manifestações. Quero chamar a atenção sobre a manipulação exercida através dos afetos que é um modo de exercer compensatoriamente o próprio poder, partilhado com os sujeitos e grupos que são socialmente marginalizados ou não reconhecidos.

## **II. Modalidades do poder**

Atualmente, mesmo com o perigo de simplificar, observamos o desdobramento de duas modalidades sistêmicas de poder:

o poder patriarcal e o poder alternativo ou contra-patriarcal.

### 1. Poder patriarcal e alternativo contra-patriarcal

Não é necessário deter-se demasiadamente a descrever o poder patriarcal. Basta recordar suas características gerais. O poder definitivo e exercido pelo patriarcado se caracteriza por ser vertical, sexista, excludente, opressivo, assimétrico, possessivo, centralizado e hierarquizado, sob a marca da mentalidade da escassez (subtração e divisão).

O poder é um modo de relação. Como relação é uma construção social histórica que em larga medida nos precede, e, por isto, é suscetível a mudanças e transformações, como indica a própria história do conceito e do seu exercício. Esta concepção do poder enquanto relação social é descrita seguindo Serra García e López Sanchez, "como uma interação pessoal ou indireta, e cotidiana, na qual as pessoas manifestam seus consensos sociais e as rupturas entre a sua experiência e a sua consciência"<sup>5</sup>. Supõe dois agentes que entram em conflito pelo controle e pela utilização exclusiva de um recurso, de qualquer natureza que ele seja. Um dos tais agentes domina o recurso e o outro está interessado em aceder a ele. Os autores definem também o conceito de *consciência*, implicado neste modo de entender o poder,

como a captação individual ou grupal da ideologia hegemônica que, segundo eles, pode ser submissa e prática, crítica integradora e crítica libertadora<sup>6</sup>. O nível deste tipo de consciência é o que constrói e mantém as desigualdades que cristalizam em relações de caráter duradouro. Estas formam parte do conjunto de relações de um determinado contexto social.

Entendida deste modo, a relação de poder se constrói sobre a base de necessidades e aspirações, como consciência da assimetria no uso dos recursos e identificação dos mesmos, que constituem processos observáveis somente quando se chega a identificar a fonte do recurso desejado. Quando alguém identifica um recurso que está sob o controle de outro e deseja alcançá-lo, gera um conflito. A manifestação do interesse origina o conflito e o próprio conflito mantém esta relação. Tanta importância tem o agente controlador do recurso como o agente interessado nele, de forma que o poder não é somente uma questão de quem controla ou monopoliza determinado recurso, mas também de quem percebe e sente a desigualdade<sup>7</sup>. Só quando se percebe e se sente a desigualdade se pode falar de relação de poder. A possibilidade ou dificuldade do acesso ao recurso somente se entende levando em conta o contexto sócio-histórico<sup>8</sup>.

<sup>5</sup> M. Montero, o.c. 49, referindo-se a I. Serrano-García e G. López-Sánchez, "Uma perspectiva diferente do poder e a mudança social para a psicologia social-comunitária", em M. MONTERO, *Psicologia social comunitária: teoria, método e experiência*, E.U. Guadalajara, Guadalajara 1994, 167-210.

<sup>6</sup> Id. 187.

<sup>7</sup> Explica, assim, porque, estando clara a postura hierárquica oficial sobre o acesso das mulheres ao sacerdócio, tal clareza não consegue frear a luta de muitas mulheres neste sentido. Para que deixasse de haver luta seria necessário eliminar a consciência de desigualdade que atualmente se tem com relação a isto.

<sup>8</sup> Cf. Montero, o.c. 51.

A alternativa ao poder patriarcal, parte desta tomada de consciência. De fato, já existe, embora ainda não goze de toda a visibilidade que poderia e deveria ter. Em termos gerais, se caracteriza pelo predomínio da horizontalidade, da inclusividade, da capacidade libertadora, da descentralização, da simetria e da multacentralidade.

## 2. Empoderamento<sup>9</sup>

Um dos princípios fundamentais do modelo emergente de poder nas mulheres é a *empoderamento*, um conceito de uma semântica muito mais rica do que sugere o termo. Quando falamos de empoderamento das mulheres nos referimos a uma forma unitária e integral de auto-conceito e auto-avaliação das próprias mulheres, individual, histórica, social, cultural e espiritualmente. Alude a um desdobramento de energia em contínua comunicação em rede e, portanto, em retro-alimentação, cujos efeitos são positivos, porém dos quais se desconhece a concretização prática. Não se trata de uma reação, tampouco de um exercício prático em momentos pontuais e muito menos de uma intenção, como querem acreditar muitos, de dominar coercitivamente e suplantando os homens em um sistema patriarcal que, neste caso, seria controlado por mulheres. Portanto, não é uma inversão<sup>10</sup>. Se o feminismo é anti-patriarcal, o ganho

de poder feminista não pode ser entendido mantendo-se os esquemas patriarcais. Para entender suas potencialidades e para entender algo do que pretendemos dizer, é preciso que se faça um esforço mental e corporal de saída do patriarcado.

Pensar nas mulheres como um conjunto de pessoas sem poder implica naturalizar uma situação em que os mais pobres e sem posses, que não desfrutam do exercício e reconhecimento hegemônico do poder, são privados de toda possibilidade de transformar suas vidas e incidir ao seu redor. Neste sentido tratamos o poder segundo uma concepção assimétrica que naturaliza certas carências<sup>11</sup>, de forma que reforçamos e reproduzimos a mesma situação. Essa naturalização influi no auto-conceito. Uma pessoa, por exemplo, pode se definir a si mesma como incapaz de tomar decisões, quando talvez a dificuldade seja resultado, entre outras coisas, de uma situação histórica de naturalização de papéis dominantes e papéis dominados.<sup>12</sup>

Durante o século passado a concepção predominante do poder foi assimétrica, uma realidade limitada em que alguns possuem mais que outros, em que uns(as) têm posse sobre outros(as). Esta idéia existiu com outra, mais recente, segundo a qual o poder é um *diferencial de recursos*, a capacidade que alguém tem de orientar a ação

<sup>9</sup> NDT: optamos por apertuguesar o termo de origem inglesa: empowerment, para não perder a riqueza das construções sintáticas.

<sup>10</sup> É importante tomar consciência de que a alternativa não é uma mera inversão. Se assim fosse, estaríamos falando de mudanças de primeira ordem que não tocam o sistema. De fato, o que se pretende é, precisamente, uma mudança de segunda ordem.

<sup>11</sup> Sigo, em boa medida, Maritza Monero, *Teoria e prática da psicologia comunitária*, Paidós, Barcelona, 2003.

<sup>12</sup> Tradicionalmente se estudou e tratou do poder a partir da perspectiva dos poderosos ou dos efeitos sobre os submetidos, a partir das relações de força e das relações conflituosas marcadas por formas extremas de afetividade negativa como são o ódio e o ressentimento.

dos outros(as). Já não se pensa tanto em termos de domínio, mas há uma implicância maior da liberdade de quem orienta e de quem é orientado, definitivamente se concebe como relação, que pode entender-se como *poder potencial* que se pode aprender e desenvolver<sup>13</sup>. O poder como uma forma de relação constitui também um processo psico-social. Deste modo podemos desvincular poder e violência numa necessária associação<sup>14</sup> e integrá-lo no contexto teórico construtivista.

Maritza Montero propõe o empoderamento<sup>15</sup> como um processo de fortalecimento (fazer-se forte) onde o sujeito transforma o ambiente transformando-se a si mesmo. Referido a grupos ou comunidades, o empoderamento<sup>16</sup> pode ser entendido também como "uma construção que une forças e competências individuais, os sistemas naturais de ajuda e as condutas pró-ativas com assuntos de política social e de mudança social"<sup>17</sup>.

São componentes do *empoderamento* os processos intra-pessoais, interativos e de

conduta. Os *processos intra-pessoais* se baseiam na auto-percepção que os sujeitos podem ter de sua auto-eficiência e capacidade (nossas crenças sobre cada um, a influência da nossa história...). Os *interativos* incluem o conhecimento dos recursos e o conhecimento das suas disponibilidades, a consciência crítica sobre as condições de vida e do ambiente, o desenvolvimento das capacidades para tomar decisões e solucionar problemas a fim de transformar o meio, a capacidade para construir... E os *processos de conduta* se referem às diferentes formas de participação<sup>18</sup>, todo ele desenvolvido em várias fases<sup>19</sup>.

O empoderamento, em termos teológicos, coloca-nos na mesma linha de vitalidade, energia, potencialidade e desdobramento criativo e poderoso da *Ruah divina*. Quando as mulheres se empoderam faz-se presente e visível a poderosa força do Espírito, a capacidade renovadora e inovadora na vida e da vida. O empoderamento, por isso, está muito ligado à subjetividade altruísta, à interioridade que afirmam a individualidade sin-

<sup>13</sup> Cf. Montero, o.c., 40.

<sup>14</sup> Podemos registrar muitas formas de poder: legítimo (derivado de uma autoridade legitimamente constituída), referente (constituído por uma pessoa de identificação), de atração, de especialista (proveniente de um saber ou perícia), reativo (orientado a conseguir determinadas reações nos outros(as) sem necessidade de obrigar ou pressionar), de impedir ou obstacular, o poder coercitivo, persuasivo (na base de argumentação), etc. Cf. Montero, o.c. 42-47.

<sup>15</sup> Ainda que Montero prefira falar de fortalecimento (e argumenta as suas razões), prefiro manter o termo empoderamento já cunhado nos âmbitos da consciência feminista e de crescimento das mulheres e dos desejos de implicação social e cidadã.

<sup>16</sup> O termo traduz literalmente o inglês norte-americano *empowerment* nascido nos EUA como resposta crítica à ineficácia da política dos anos 70 destinada a fortalecer as instituições esquecendo-se das pessoas.

<sup>17</sup> Citado em Montero, o.c. 70, em referência a um trabalho dos autores datado de 1988.

<sup>18</sup> Id. 73:

<sup>19</sup> a) desenvolvimento do sentido de estar-em-relação-com-o-mundo, b) desenvolvimento de uma compreensão sempre mais crítica (avaliadora) das forças sócio-políticas ao nosso redor, c) planejamento de estratégias e recursos funcionais; cf. id. 75, ao que se acrescenta, mais como um produto do que como mero recurso, a construção de narrativas comuns.

gular. Não sugere somente divisão eqüitativa e justa do bem que é o poder, mas implica a chegada do Reino de Deus que é anti-patriarcal e não concebe uma justiça do poder em termos de escassez, mas em termos de abundância e superabundância.

### III. Autoridade, poder e liderança de mulheres

Um dos temas delineados e não resolvidos desde o pós-Concílio na vida religiosa é o relativo à autoridade e aos princípios de governo, cujo estudo em vez de esclarecer acaba por frustrar, quando pretende mudanças que não afetam o sistema. Não se pode preservar o mesmo esquema sistêmico e produzir mudanças de segunda ordem<sup>20</sup>. Durante um par de décadas a vida religiosa estudou, refletiu e tentou encontrar, inclusive, diferentes formas de liderança. A perspectiva do tempo nos indica que nada caminhou na verdade. Uma vez que não há explicação lógica ao fato de que desejemos intensamente mudanças e nos oponhamos a estas com a mesma intensidade, a explicação tem que partir de instâncias não lógicas e do modelo: estratégias usadas, interesses profundos que mobilizam o sujeito, o choque com o medo de certas perdas...

#### 1. Poder reticular e de cooperação

Ajudar-nos-á a entender recordar sumariamente certas metáforas mediante as quais

percebemos e explicamos a realidade. Durante os últimos dois séculos entendemos os grupos e as sociedades sob a metáfora (patriarcal, inanimada e hierárquica) da máquina, pois, como ela, os grupos podem ser controlados e dirigidos. Se, ao contrário, entendermos os grupos como seres vivos perceberemos que eles não podem ser controlados, mas somente perturbados. Pode-se influir neles, dando-lhes impulso, mas não se pode controlá-los mediante instruções. Está comprovado que um ser vivo nunca responde às instruções literalmente, pois toda resposta viva, sobretudo a humana, não deixa de ser uma interpretação. Quanto mais a resposta for literal, mais haverá inibição à vida, nada de novo acontecerá, recordando o princípio bíblico de que a letra mata e o espírito dá vida.

A substituição da metáfora da máquina pela do ser vivo na relação com os grupos implica mudanças importantes nas relações de poder, pois supõe passar da *dominação* e do *controle* à *cooperação* e à *associação*, uma mudança de um sistema de hierarquia por um sistema de redes de natureza mais circular<sup>21</sup>.

Esta mudança tem influência na nossa compreensão de liderança. Líderes tradicionais são as pessoas com capacidade para manter uma visão, articulá-la claramente e comunicá-la com paixão, gente que representa valores percebidos como ideais para outras pessoas. A nova liderança, sem dúvi-

<sup>20</sup> As mudanças de primeira ordem são as que afetam os elementos do sistema, sem afetar o sistema em si. As mudanças de segunda ordem são as que tocam algo do sistema que o obriga a mudar e reorganizar-se. São conceitos desenvolvidos pela Escola Sistemática de Palo Alto, na Califórnia.

<sup>21</sup> Afirma a antropologia, matizando muito as conclusões de Darwin, que a evolução da natureza e da humanidade se deve mais à associação e cooperação do que à competitividade e à lei do mais forte. Cf. a esse respeito Fritjof Capra, *A trama da vida*, Anagrama, Barcelona, e Edgar Morin, *O paradigma perdido. Um ensaio de bio-antropologia*, Kairós, Barcelona 2005 (orig. francês 1974), 78, especialmente.

da, se configura mediante sujeitos capazes de facilitar a emergência de novidade e criar condições, mais que impor direções; pessoas capazes de usar a própria autoridade para conferir poder a outros e facilitar a criatividade. Este novo tipo de liderança está em consonância com uma estrutura de redes multi-cêntrica. Não podemos nos imaginar como sujeitos que conferem poder a outras pessoas em esquemas de liderança tradicional dentro de um sistema hierárquico. A vinhos novos, odres novos.

## 2. Poder descentralizado e multi-cêntrico

Mudar o sistema político de liderança dentro da Igreja e a da vida religiosa requer uma transformação sensível na maneira de se entender, utilizar e distribuir o bem do poder. Há uma frase de Jesus em Marcos que expressa uma profunda sabedoria psicológica dentro do esquema da abundância: a quem tem será dado e a quem não tem lhe será tirado até o que tem (logicamente se trata de uma frase desconcertante e difícil de ser entendida no sistema ocidental de justiça, de direito, baseado na lógica piramidal da escassez), que podemos entender como referência a partir da qual poderíamos criar condições necessárias para o empoderamento autoritativo que substitua o poder coercitivo e diretivo. Na prática, isto quer dizer que quanto mais poder se tem e se gera ao

redor, mais poder se adquire, se nos colocarmos na lógica pascal<sup>22</sup> da abundância e do transbordamento. Dizem os teóricos(as), especialmente os que se dedicam ao *software*, que a influência eficaz que podem exercer os sujeitos que detêm cargos diretivos em relação ao grupo, só é possível mediante técnicas indiretas realizadas às margens do sistema, algo que também se produz na complexidade que supõe a organização das grandes cidades e que se tem experimentado em algumas empresas.

A tomada de consciência da desigualdade (instauração da relação de poder) produz mudança social quando alguém, vários e todos os elementos presentes na relação de poder se vêem alterados, pois os agentes da mesma não são estáticos, mas atores dinâmicos. Esta compreensão do poder como uma forma de relação no seio das relações sociais não só explica mudanças inesperadas, mas também abre perspectivas de manobra que remetem à condição de liberdade (ainda que seja relativa e condicionada) de sujeitos e grupos. Assegura Maritza Montero que por isso é tão importante descobrir as formas em que se manifesta o interesse (por um recurso) em sua diversidade de figuras como pode ser o humor, a brincadeira, a resistência, certas formas de apatia, ou as organizações populares, grupos de discussão e de reflexão...<sup>23</sup>, figuras que nós mulheres conhecemos bem

<sup>22</sup> Estou convencida de que à medida em que o novo paradigma vai entrando na consciência globalizada de todos os países e se inclui uma maneira de entender a vida sob o sinal da abundância, os problemas da pobreza, do empobrecimento e da injustiça do nosso mundo encontrarão vias de solução mais rápidas e mais eficazes.

<sup>23</sup> Cf. Id. 53. Do meu ponto de vista, certos sintomas presentes na vida religiosa não são adequadamente interpretados nem, portanto, são utilizados como material precioso de análise. Para dar um exemplo, as atitudes de apatia, as pessoas que se desligam do institucional, o que se qualificou



por tê-las utilizado bastante durante a nossa história.

Aplicado às políticas sociais as mulheres empoderadas (e os grupos que precisam de determinados recursos), por exemplo, podem ser agentes eficazes de troca só quando adquirem uma consciência forte e crítica de cidadania, pois do contrário obteremos, como normalmente acontece, dependência, clientelismo (no sentido das relações de patrão-empregado), burocracia, passividade de usuários(as)...

### 3. O poder de empoderar

O patriarcado não contempla esta possibilidade, se bem que também se encontre presente na história ocidental. Os estudos mais recentes recuperaram figuras históricas que exerceram o poder como empoderamento, porém sempre na sombra, com a perfídia de quem não se atreve ou não pode ocupar os lugares legitimados de liderança. Sabemos mais de quem governou ocultamente outorgando poderes a outras pessoas no campo da política: organizações secretas, mãos negras... Conhecemos menos (cada vez mais) os poderes exercidos na sombra das ciências, das artes, das humanidades... a maioria deles com nome de mulher. Dos poderes espirituais e religiosos das mulheres na história e seu efeito expansivo e empoderador, já falamos. O

empoderamento das mulheres na família é mais que conhecido. Empoderar-se não é algo novo, qual é então a novidade? Se tivesse que resumir em poucas palavras, diria que então, referindo-me às mulheres, mudou a sua consciência e o reconhecimento público. O empoderamento deixou de ser uma manobra obscura, para se tornar uma estratégia legítima, própria da democracia participativa, inscrita no reconhecimento da igualdade humana e efeito de movimentos sócio-políticos de participação, uma vez que é produto do processo laborioso de crescimento de cada sujeito (mulher). Nesta consciência psicológica, vejo outro traço próprio de hoje, pois o empoderamento atual se distingue do precedente pois passa necessariamente pela consciência, aceitação e cultivo do poder próprio de cada mulher<sup>24</sup>. Não é automático e nem tudo serve. Talvez por isto, o olhar crítico das pessoas das nossas sociedades, mais com as mulheres empoderadas que com os homens, reconhece e autoriza as novas e melhores formas de poder ali onde esse poder se multiplica e cresce, quer dizer, onde as mulheres empoderadas empoderam, por sua vez e multiplicam este bem como foi feito com os pães e os peixes. Em resumo, podemos dizer que o poder das mulheres, mais criativo e construtivo, provém de um empoderamento individual real

---

como perda do sentido de pertença, podem ser sintomas não somente de problemas, qualificados negativamente e imediatamente julgados numa perspectiva moral. Podem ser percebidos e analisados como sintomas positivos de algo caduco que não dá mais para nada e de algo que quer nascer, porém que não se consegue nomear nem formular. Os dados continuam sendo os mesmos, porém a sua diferente percepção orienta já a solução e pode abrir um mundo de possibilidades. A psicologia avisa que na pergunta já se encontra a resposta. É freqüente se usar interessadamente o diagnóstico para bloquear certas saídas ou soluções.

<sup>24</sup> O livro de Clarissa Pinkola Estes, *Mulheres que correm com os lobos*, Ed. B, Barcelona 1998, foi e continua sendo estímulo e resultado ao mesmo tempo da expansão do processo de crescimento individual e grupal de numerosas mulheres.

e do empoderamento multiplicativo de outros sujeitos. A relação indivíduo-outro se expressa na tensão paradoxal mencionada acima: quanto mais empoderada é uma mulher, mais empodera outras, quanto mais empodera outras, mais empoderada fica<sup>25</sup>. Podemos falar de um conceito e uma realidade nestes termos dentro do cristianismo, da Igreja e da vida religiosa?

### **Conclusão: vinho novo em odres novos**

Não digo nenhuma novidade se disser que o sistema patriarcal se sente ameaçado pela emergência de uma nova ordem de liderança. É lógico que a instituição eclesial, patriarcal e hierarquizada, percebe isso com maior força. Às vezes escutamos que a vida religiosa funciona em paralelo à Igreja, um juízo que não é mais que a percepção de dois estilos nem sempre fáceis de conciliar, apesar de que teoricamente partilham e crêem nos mesmos princípios do Evangelho de Jesus. A história contém dados mais que abundantes dos atritos entre a hierarquia eclesial e o nascimento de formas eclesiais que se cristalizaram em famílias e espiritualidades de vida monástica, contemplativa, mendicante ou vida religiosa ativa. Contamos com mulheres, autênticas líderes, empoderadas e transbordantes de autoridade, que viveram em si mesmas esses atritos com a hierarquia eclesial. Teresa de Ávila e Mary Word podem muito bem ilustrar isto. As duas foram vítimas dos receios, suspeitas e acusações da hierarquia (a Inquisição em relação a Teresa) e se salvaram por pouco.

Ambas inovaram a vida consagrada, uma no domínio contemplativo e a outra nos umbrais de uma vida ativa. O testemunho delas constitui uma referência importantíssima para as mulheres que no contexto atual pretendem fazer o mesmo. Estas mulheres, sem dúvida, remetem ao Jesus a quem seguiam. É possível encontrar no Evangelho formas libertadoras e transformadoras de poder? Ou é preciso considerar o poder e o empoderamento de Jesus como um exercício que sustenta e ratifica o sexismo encontrado na Igreja histórica, que expulsa as mulheres que tentam o seu acesso, uso e exercício? Tento explorar panoramicamente a questão no Evangelho de Marcos.

#### **1. O Reino de Deus (*basileia tou Theou*) e o poder**

A *basileia tou Theou* através da trama de Marcos deixa a descoberto os mecanismos de dois tipos de exercício do poder, o exercício coercitivo, impositivo e destrutivo, com suas conseqüências negativas para os homens, os povos e o cosmos, e o exercício diaconal, livre, eficaz, multiplicativo e construtivo, de conseqüências transformadoras e geradoras de bem-estar e vitalidade, inclusive, sobre a morte. Este segundo modo de exercer o poder é o que, paradoxalmente, conduz ao fracasso do projeto divino e de Jesus. É a coerência até o fim com este projeto que leva Jesus à morte e põe em perigo a recém-inaugurada possibilidade da *basileia*. O primeiro tipo de exercício do poder e da autoridade é claramente patriarcal e sexista, hierárquico, excludente e opressor. O segundo, em vez,

<sup>25</sup> Como a minha amiga e colega Isabel Gómez-Acebo gostava de dizer, citando um ditado popular: *quem parte e reparte fica com a melhor parte.*

é inclusivo, democrático-participativo e libertador. O primeiro subtrai e divide. O segundo soma e multiplica. O primeiro pertence à mentalidade da carência e da escassez. O segundo à mentalidade da abundância e da superabundância.

O exercício evangélico do poder é, sem dúvida, diaconal e, por isto, se manifesta como empoderamento. Não se trata de um poder para reter e guardar exclusivamente e com ciúmes só para si, como fazem as autoridades civis e religiosas, que por inveja matam Jesus, ou como estão tentados os próprios discípulos de compreender e experimentar, mas de um poder para partilhar. Deste modo se percebe a originalidade do poder e da autoridade diaconal de Marcos. Seguindo as vicissitudes lingüísticas e narrativas do verbo *servir* (*diakoneo*) e seus derivados, percebe-se a relação com a condição de *mensageiro(a)* de quem o exerce. Não por acaso os anjos são os primeiros a servir Jesus depois do seu jejum e da vitória sobre o mal no deserto (Mc 1,12-15). O leitor(a) deduz que os anjos o servem nas necessidades que tem no momento: necessidades físicas cotidianas, como a comida. A sogra de Simão serve, parece, nas mesmas coisas que os mensageiros (anjos) serviram Jesus, ela que *foi levantada* por ele da prostração (Mc 1,31). Jesus mesmo se considera alguém que serve, não somente à mesa, mas em todo tipo de necessidade humana. O mesmo pede aos seus: que sejam os últimos e os servidores, para serem os primeiros. Se entendermos as ações, o exercício do poder e a autoridade como diaconia se aprecia isto de modo especial nas mulheres, sobretudo quando se aproxima a morte de Jesus e parece que o Reino de Deus fracassa estrepitosamente. Elas

servem o Jesus vivo (a mulher da unção Mc 14, 3-9) e o Jesus morto (as mulheres na tumba Mc 16,1-8), e, a última coisa que é pedida para elas é que sejam as mensageiras (*ide e dizei*) sobre o poder de Deus e de sua basiléia para começar de novo na Galiléia, ali onde Jesus os precede (Mc 16,8).

## **2. O empoderamento de Jesus e as mulheres segundo Marcos**

O empoderamento se deve à capacidade multiplicadora da basiléia, a sua mentalidade de abundância e a sua possibilidade de promover saltos qualitativos (transformações, nova criação ou *arché*) na realidade (a semente na terra boa; Jesus ressuscitado; o Evangelho pregado ao mundo inteiro...). Jesus empodera outras pessoas partilhando seu poder e autoridade, outorgando-lhes as condições para que possam resolver a situação com a sua própria autoridade, colaborando com elas na descoberta de suas próprias fontes de poder (a hemorroíssa, a mulher fenícia, Jairo...). O serviço e a confiança radical ou de fé dá muito poder, e esse poder se encontra ao alcance de quem quer que o deseje e se encontre em condições de oferecê-lo. Que este serviço é poderoso e que esta autoridade é forte o testemunha o próprio personagem Jesus, especialmente na primeira parte da grande narração. Jesus exerce sua autoridade com segurança e sem medo. Não se esconde nem se justifica. Dá razões, e sempre indiretas, em uma ocasião (diante dos escribas que descem de Jerusalém, Mc 3, 23-30) e o resto remete a seus atos e suas conseqüências. A sua consciência da filiação divina e autoridade das Sagradas Escrituras o apóiam em suas profundas convicções. E o faz reiteradamente, en-

quanto Filho do Homem, isto é, como paradigma da humanidade<sup>26</sup>.

### **3. O empoderamento das mulheres em uma nova forma de ser Igreja**

A Ruah divina, que impulsiona a história para frente e não se deixa manipular por nada nem por ninguém, manifesta-se em sinais que aparecem onde nunca os buscamos. Estou convencida de que se encontra nesta incomparável energia de empoderamento de mulheres, globalmente considerada. As mulheres empoderadas já são uma forma nova de ser Igreja, apoiadas em uma tradição de empoderamento de mulheres trazida à luz nas últimas décadas, e percebida como re-emergência da Baliseia tou Theou. Este mesmo Reino de Deus ins-

tiga as mulheres a tomar consciência de seus poderes, do poder imenso da fé, e atuar responsabilmente e em consequência com ela. A história não está pré-determinada, como também não o está nenhuma instituição histórica. Se a ação é fundamental para influenciar criativamente no nosso presente e no nosso futuro imediatos, não é menor a importância da confiança. Para poder transformar a realidade nós mulheres precisamos do poder que emana da atitude confiante e da confiança que emana do poder. É, sem dúvida, uma questão de superabundância, de espírito pascal.

---

A autora é Psicóloga e Biblista, professora de Psicologia da Religião na Universidade Pontifícia de Salamanca.  
Endereço da autora:  
Dieciocho 136 Casilla 9501 Santiago - Chile

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1- Que sentimentos acompanham você na leitura do artigo desta autora?
- 2- Na vida religiosa não sabemos o que fazer com o poder. Como você acha que o poder deveria ser evangelizado para ser vivido com serenidade pelos religiosos e religiosas?
- 3- Depois de ler o artigo, o que você acha que deveria mudar na Igreja e na vida religiosa em relação ao poder e à mulher?

**“A autoridade e o poder se consideram bens limitados, escassos, destinados a algumas pessoas que acederam a estes bens por méritos próprios...”**

---

<sup>26</sup> Cf. Mercedes Navarro, *Marcos*, EVD (col. GLNT), Estella 2006, onde está suficientemente desenvolvida e argumentada esta minha reflexão.

# Vida Religiosa e Igreja na América Latina

C. CALIMAN, SDB

A V Assembléia do Episcopado Latino-americano e caribenho, marcada para Aparecida do Norte, Brasil, maio de 2007, nos oferece uma excelente oportunidade de reflexão sobre *Vida Religiosa e Igreja na América Latina*. Poderemos, desta forma, prepararmo-nos melhor para essa Assembléia.

Em nossa abordagem fazemos uma opção de não trabalhar a relação entre Vida Religiosa e Igreja em termos abstratos. Preferimos percorrer o itinerário das Assembléias Gerais, buscando o seu contexto amplo, a orientação mais ampla de seus documentos e, por fim, o que elas dizem da Vida Religiosa no continente.

Será uma boa ocasião para colocar em questão o sentimento de resignação que perpassa a Igreja e a Vida Religiosa nesse início de século. Esse sentimento parece se infiltrar na nossa visão da realidade do nosso mundo globalizado e de suas conseqüências para a sociedade na AL. Estamos divididos entre a sociedade de "satisfação imediata", desenfreadamente consumista e individualista, e a cultura da sobrevivência dos pobres e excluídos. Esse sentimento nos leva ao fatalismo. O mundo é assim mesmo. Tornou-se pluralista e complexo de tal modo que parece sequer possível imaginá-lo diferente.

Mas também na Igreja e na Vida Religiosa esse sentimento de resignação se espalha. As expectativas de mudança que o Concílio Vaticano II despertou parecem

frustradas para muitos. Os caminhos de renovação se estreitaram na rotina de um recentramento eclesial, na busca de posições mais seguras. As Igrejas locais ou particulares perderam iniciativa e dinamismo frente às iniciativas que vêm do centro da Igreja, das congregações e ordens religiosas. Também aqui corremos o risco do fatalismo, da platitude da rotina diária ao redor de pequenas coisas que ocupam o nosso tempo. Corremos o risco de perder a ousadia missionária, o entusiasmo pela causa do Evangelho.

É tempo de aprendermos da nossa história eclesial e de Vida Religiosa latino-americana, para enfrentar os desafios de hoje e sermos, assim, capazes de preparar o futuro. É de todos sabido que a Vida Religiosa pertence à santidade da Igreja peregrina (*Lumen Gentium*, cap. V), à sua vida carismática. Aprendemos no itinerário da Igreja latino-americana desde Medellín que a Vida Religiosa deve ser vivida na Igreja particular ou local. Fiéis a essa orientação, Religiosos e Religiosas dedicaram sua vida no desenvolvimento de uma nova consciência eclesial na AL. É um tempo propício de a Vida Religiosa aprofundar sua missão profética, redescobrando sempre de novo seu lugar na Igreja e na sociedade, e a responsabilidade que lhe compete a partir do carisma que lhe é próprio.

Para aprofundar essa relação enriquecedora, pretendemos percorrer os documentos das várias Conferências Gerais: 1) des-

de a do Rio de Janeiro, 1955, num contexto de fermentos de mudança em tempos de Nova Cristandade; 2) de Medellín, 1968, com uma nova visão da realidade em vista de uma evangelização libertadora; 3) de Puebla, 1979, com sua proposta de uma nova estratégia pastoral para a comunhão e participação; 4) de Santo Domingo, 1992, com o tema da inculturação, postulando uma nova pedagogia pastoral para uma nova evangelização; 5) por fim, de Aparecida, 2007: o que nos é possível esperar dessa Assembléia?

### 1. Fermentos de mudança em tempos de nova cristandade (Rio/1955)

Por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro, 1955, realizou-se a I Assembléia Geral do Episcopado latino-americano, de 25 de julho a 4 de agosto do mesmo ano<sup>1</sup> com a participação de cerca de uma centena de prelados entre cardeais, arcebispos e bispos.

Para nos situarmos, anotamos alguns aspectos do *contexto* sócio-histórico e eclesial dos anos 50 do século XX. Estamos em tempos de guerra fria entre o bloco socialista, encabeçado pela antiga União Soviética, e o bloco ocidental, capitaneado pelos Estados Unidos. Na América Latina assistimos ascensão do movimento social latino-americano. Muitos cristãos começam a participar de movimentos so-

ciais de esquerda, que exigiam mudanças radicais<sup>2</sup>. Também na Igreja já se ouvia o murmúrio crescente dos movimentos de renovação bíblica, litúrgica, comunitária, que iria explodir nos anos 60 com o Concílio Vaticano II. Entre esses movimentos vale destacar a Ação Católica. Ela se destaca, entre outras coisas, pelo método “ver, julgar e agir” e pela redescoberta da dimensão social da fé.

O *Documento* da Assembléia Geral do Rio de Janeiro no seu todo é marcado, primeiro, por temas pós-tridentinos que, naquela década, ainda chegavam do centro da Igreja, de cima, desde Roma. Nele não se manifesta ainda um olhar a partir da sociedade latino-americana e dos seus desafios. Suas preocupações “ad extra” eram a “situação religiosa” do povo, a expansão do protestantismo (as “seitas”) e a modernidade secularizada e hostil à Igreja. Movimenta-se ainda ao redor do projeto da nova cristandade<sup>3</sup>. Era preciso uma ação de “reconquista” do espaço perdido. Facilmente se detecta no documento do Rio de Janeiro o espírito apologético antiprotestante e antimoderno da época.

Do ponto de vista interno, pode-se perceber a resposta da Igreja a essas preocupações. O Documento aponta para a formação do clero para superar a crônica escassez de padres e, assim, contrapor-se à “invasão das seitas”. Conclama os leigos, chamados de “auxiliares do clero”, para a grande

<sup>1</sup> As *Conclusiones* foram editadas pela Tipografia Poliglotta Vaticana, 1956, 118 pp.

<sup>2</sup> Não cabe aqui entrar em detalhes. Basta lembrar na década de 50 o movimento de Sierra Maestra, de Fidel Castro, contra a ditadura de Batista, em Cuba. Esse movimento influenciou fortemente a juventude do continente, que aspirava mudanças profundas na realidade latino-americana.

<sup>3</sup> Sobre a questão da nova cristandade ver GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação*, reedição das Edições Loyola, 2000, pp. 107-114.

tarefa de "reconquista" da sociedade pela construção de um regime cristão para uma sociedade secular, como pedia o projeto da nova cristandade.

O Documento do Rio, afora o pedido ao Papa para a criação do CELAM<sup>4</sup>, não teve praticamente repercussão. Veio no despedir de uma época, fala a partir do centro, quando já se ouviam prenúncios de mudança na Igreja. A redescoberta da dimensão social da fé já aponta para a superação da pastoral tridentina da "cura de almas" e para um outro tipo de participação dos cristãos na sociedade, visando a superação da nova cristandade. O Documento nada diz sobre o surto renovador que perpassa a sociedade e a Igreja na AL.

O que o Documento do Rio fala sobre a Vida Religiosa? Explicitamente nada. Apenas uma carta aos Superiores Maiores das comunidades religiosas, expressando as preocupações da Conferência Geral, e pedindo mais religiosos padres para responder à escassez de clero<sup>5</sup>. Diz muito mais pelo que não diz! Implicitamente aponta para a continuidade da nova cristandade para a qual a Vida Religiosa já vinha dando a sua parte, sobretudo com as suas obras de assistência, escolas, hospitais, universidades.

Mas o crescente espírito de mudança já bate às portas da Vida Religiosa. Nessa década se multiplicam as Conferências de Religiosos e Religiosas pelo continente. Cria-se a Confederação Latino-americana de Religiosos - CLAR, abrindo a Vida Religiosa para uma visão latino-americana. Com a redescoberta da dimensão social da fé, o

debate social começa a influir nas decisões da Vida Religiosa.

Resumindo: o Documento do Rio é de outro sinal: está marcado pelo confronto e não pelo diálogo que João XXIII logo a seguir vai propor como grande orientação do Concílio Vaticano II. O caminho para a II Conferência Geral de Medellín passa pela eleição de João XXIII (1958), pelo "vendaval" do Espírito Santo, no Concílio, e pelo encontro do CELAM de Mar del Plata (1966). O tema fala por si: *A Igreja na América Latina: Desenvolvimento e Integração*. Aponta para a realidade do continente.

## 2. Nova visão da realidade (Medellín/1968)

O ano de 1968 ficou marcado como o ano da "revolução dos jovens", para muitos um marco em direção à pós-modernidade. Para nós na AL, já num contexto diferente da Assembléia do Rio, 1968 assiste à gestação de uma nova tradição de Igreja no continente. Nasce uma nova consciência eclesial no contexto atribulado do continente no final dos "anos dourados" da década de 60.

Observa-se nesse momento, por um lado, que o otimismo suscitado pelo Concílio alimenta expectativas de mudanças dentro da Igreja e na sua relação com a sociedade na AL. Por outro, nosso continente se encontra dividido entre os impulsos revolucionários dos movimentos de esquerda e a proliferação de regimes conservadores de "segurança nacional", alinhados com o império americano, para conter os movimentos revolucionários. Assim terminam

<sup>4</sup> Cf. *Conclusiones*, n. 97.

<sup>5</sup> Cf. *Conclusiones*, pp. 116s.

os "anos dourados" para a AL: a esperança pelas transformações que a realidade exige foi abafada, em bom número de países, pelo tacão militar.

Nesse contexto de otimismo gerado pelo Concílio e de incertezas na sociedade latino-americana, nasce o grito profético da Conferência Geral de Medellín. O tema *A Igreja na atual Transformação da América Latina à Luz do Concílio* articula, especialmente, dois grandes documentos conciliares. Por um lado, a *Lumen Gentium*, com a nova compreensão da Igreja. Por outro, a *Gaudium et Spes*, que situa a Igreja dentro do mundo de hoje. A novidade de Medellín está justamente na apropriação criativa do Concílio a partir não de uma visão ideal da sociedade, tal como vinha da cristandade e da nova cristandade, nem mesmo a partir da modernidade vitoriosa e rica do centro do sistema capitalista. Seu olhar pastoral partia da periferia do sistema, da sociedade real da AL em processo de transformação. Assumindo instrumentos de análise das ciências sociais, a Assembléia de Medellín põe em evidência a contradição entre a miséria, como fato coletivo que atinge a maioria, e a riqueza nas mãos de uma minoria. Essa situação é caracterizada como de "injustiça institucionalizada". Clama aos céus e exige uma resposta:

assumir a luta dos pobres pela transformação social<sup>6</sup>. Valoriza, desta forma, a ação política pelo bem comum a partir dos pobres. A resposta da Igreja na AL ao fato brutal da pobreza é uma "evangelização libertadora".

O que o Documento de Medellín diz sobre a Vida Religiosa? A Conferência geral dedicou o Doc. 12 para os religiosos. Mas antes vejamos o que significa para a Vida Religiosa o Documento de Medellín em seu conjunto. A sua chave de leitura: nova visão da realidade estruturalmente injusta e desigual impulsiona a Vida Religiosa para um novo "lugar social". No imediato pós-concílio, empolgada pelas expectativas de renovação por ele suscitadas, a Vida Religiosa iniciou um processo de mudança que poderíamos chamar de "modernização". Trata-se de uma renovação de "fundo falso". Sob a guia da teologia da secularização, filha da ilustração, a Vida Religiosa, se atualiza olhando para a classe média. Busca pequenas comunidades que valorizam a pessoa, a profissionalização seletiva, própria dessa classe.

A apropriação da grande mensagem de Medellín impulsiona a Vida Religiosa na direção da superação de uma mera "modernização", na busca de um novo "lugar social" no meio do povo, junto aos pobres. Deve "encarnar-se no mundo real"<sup>7</sup>. A des-

<sup>6</sup> Cf. o vigor profético do Doc. 1. *Justiça*, 1: "A miséria, como fato coletivo, é injustiça que brada aos céus"; 2, *Paz* 1: " 'Se o desenvolvimento é o novo nome da paz' (citando *Populorum progressio*, 87), o subdesenvolvimento latino-americano, com características próprias nos diversos países, é uma injusta situação promotora de tensões que conspiram contra a paz"; ou o doc. 14. *Pobreza na Igreja*, 2: "Um surdo clamor brota de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes advém de parte nenhuma".

<sup>7</sup> Doc. 12: *Religiosos* 3 continua: O religioso "não pode considerar-se alheio aos problemas sociais, ao sentido democrático, à mentalidade pluralista dos homens que vivem em torno dele. Assim, as circunstâncias concretas da América Latina... exigem dos religiosos uma especial disponibilidade, conforme o próprio carisma, para se inserirem nas linhas de uma pastoral efetiva".



coberta da sociedade real, injusta e desigual, provoca uma real conversão: o seguimento de Cristo passa pelos pobres.

Mais ainda, a Vida Religiosa encontra um novo "lugar eclesial", dentro da Igreja povo de Deus. No meio do povo de Deus é convocada a viver a sua missão profética, como testemunha do Reino, no compromisso por uma "evangelização libertadora".

Olhando para frente, entre Medellín e Puebla há uma passagem necessária, o Sínodo sobre *a Evangelização no Mundo de hoje* (1974) e a subsequente Exortação pós-sinodal *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI (1975). Certamente a *Evangelii Nuntiandi* contribuiu enormemente para que a chave de leitura de Medellín – nova visão da realidade – se traduzisse também numa nova compreensão da missão evangelizadora<sup>8</sup>.

### 3. Nova estratégia pastoral (Puebla/1979)

Do dia 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979 realizou-se em Puebla de los Angeles, México, a III Conferência Geral do Episcopado latino-americano. O tema: *Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina*. Convocada ainda pelo papa Paulo VI, sofreu atraso por seu falecimento e de seu sucessor, o papa João Paulo I, o breve. A tarefa de abrir a Assembléia ficou para João Paulo II.

O contexto sócio-político latino-americano continua sombrio. Regimes autoritários ainda marcam o continente. Aqui e ali pela AL afora brilham algumas luzes, ain-

da medrosas e tímidas, na direção da superação dos regimes de força para o Estado de direito. Mas a utopia da democracia social, participativa e solidária ainda está distante. Cresce a distância entre ricos e pobres. Já no plano mundial começa a montagem do neoliberalismo em confronto com o decadente império soviético. Todos nós conhecemos o desfecho dessa história, no final da década de 80 e inícios dos anos 90.

O que mais interessa aqui é o novo contexto eclesial que se inaugurou ainda no Concílio Vaticano II, passa por Medellín e chega a Puebla. A Igreja na AL se encontra dividida na interpretação do Concílio e de Medellín. O conflito de interpretações chega às portas de Puebla. O Vaticano II foi interpretado por alguns como limite imposto para o "aggiornamento" proposto por João XXIII. Para estes Medellín é um desvio da letra e do espírito do Concílio. O outro lado parte do pressuposto que Medellín foi uma recepção criativa e legítima do Concílio, interpretado como luz para o futuro. Ou seja: é o conflito entre uma interpretação mais doutrinária, que impõe limites à renovação pós-conciliar, e uma interpretação mais pastoral, que toma o Concílio em seu dinamismo iluminador do futuro da Igreja e, no caso, da Igreja na AL.

Esse conflito de interpretações perpassa a década entre Medellín e Puebla. Ele se desdobra, primeiro, na visão da realidade do continente. Qual é o fato maior que deve determinar as opções pastorais? Se esse fato maior for o mundo moderno e a secularização, a resposta pastoral corre mais para o

<sup>8</sup> Cf. LIBÂNIO, J. B. *Evolução do termo evangelização*. Em: *Evangelização e Libertação*, Vozes, 1975, 13-33.

nível religioso do resgate do "substrato católico" e do reavivamento espiritual. Se o fato maior for a pobreza, a resposta pastoral toma a direção da sociedade real com suas contradições, e se chama libertação. Segundo, no nível teológico, o avanço de uma visão teológica neoconservadora, que propõe uma interpretação mais estreita do Concílio, e se contrapõe quer às teologias ditas "progressistas" quer à teologia da libertação, que havia se tornado hegemônica no continente na década de 70. E, terceiro, esse conflito se desdobra ainda no campo da eclesiologia. Afinal, qual é a chave de leitura da eclesiologia conciliar: "povo de Deus" ou "comunhão"? Alguns acusam o uso da categoria povo de Deus na direção de uma "Igreja popular" em contraposição com a "Igreja oficial", que Puebla reprova<sup>9</sup>. Outros acusam o uso da categoria "comunhão" como reforço ao "recentramento" da Igreja em direção a um novo processo de centralização em curso<sup>10</sup>.

Essas duas tendências conflitantes revelam o clima da Assembléia de Puebla. Mas o resultado foi um documento que, apesar de longo, nos oferece a confirmação do caminho iniciado em Medellín. Destacamos o ponto forte, que justifica o título dessa parte: Puebla explicita com vigor a opção pelos pobres já presente em

Medellín. Queremos sublinhar o significado transcendente dessa opção evangélica e, ao mesmo tempo, estratégica para a vida e a pastoral da Igreja. Já nos tempos do Concílio se falou do *fim da era constantiniana*<sup>11</sup>. A pastoral "constantiniana" supõe um pacto entre política e religião, entre o poder político e o poder religioso. A Igreja, digamos assim, entra para o todo social pela porta do poder do Estado ou do poder hegemônico de uma classe na sociedade. A opção pelos pobres, enquanto opção de estratégia pastoral, aponta para a superação dessa pastoral constantiniana. Levando a sério a opção de Puebla, o agir da Igreja não mais deve articular-se a partir do poder, mas a partir do pobre, na ótica do pobre. A Igreja entra no todo social pela porta da sociedade civil e, nela, pelo caminho dos pobres<sup>12</sup>. Além disso, Puebla nos oferece uma "consigna". O agir da Igreja visa construir uma Igreja de "comunhão e participação". De "comunhão" enquanto cria as condições de unidade do corpo eclesial em vista da sua missão evangelizadora. De "participação", enquanto cria as condições para um compromisso efetivo na transformação da realidade injusta e desigual.

O que o Documento de Puebla diz sobre a Vida Religiosa? Estende-se por bem 55

<sup>9</sup> Cf. Puebla, 262-264.

<sup>10</sup> Sobre essa questão de "povo de Deus", "comunhão" tomei posição num texto produzido depois do Sínodo sobre os Leigos, em 1987: CALIMAN C. "Visão eclesiológica do Sínodo", em: PINHEIRO, J. E. (org.), *O Sínodo e os Leigos*, Loyola, 1988, pp. 83-95.

<sup>11</sup> Cf. CHENU, M.-D. "La fin de l'ère constantinienne", em *La Parole de Dieu, II. L'Évangile dans le temps* (1961) 18. Karl RAHNER, "Significado teológico da posição do cristão no mundo moderno", em *Missão e Graça*, Paulinas, 1965, pp.... Esse ensaio de 1954 fala de passagem da cristandade para o regime de "diáspora" ou do cristianismo "hereditário" para o de "decisão pessoal".

<sup>12</sup> Cf. PALÁCIO, C. "Uma consciência histórica irreversível", em *CRB, Dez anos de teologia*, Publicações da CRB, 1982. 59-83. CALIMAN, C. "Identidade histórica da Igreja no Brasil nos últimos 20 anos", em *Leigos e participação na Igreja*, Estudos da CNBB, Paulinas, 45, 1986. 17-33.

números sobre a "Vida Consagrada" (721-776). Em termos gerais, provoca a Vida Religiosa a se inserir na caminhada do povo de Deus na AL como resposta cristã e eclesial às exigências da realidade. Na verdade, a Vida religiosa, desde os primeiros monges do deserto, se insere crítica e profeticamente na Igreja, povo de Deus, e na sociedade em cada tempo histórico. Por situar-se na história, ela sofre a influência das mudanças na Igreja e na sociedade. Pode situar-se quer como força conservadora dos valores transcendentais e permanentes da fé, quer como força de transformação.

Puebla articula sua visão da Vida Consagrada no contexto social e eclesial do continente ao redor dos seguintes pontos:

Primeiro, apresenta as principais tendências da Vida Religiosa no continente. Depois de afirmar que "a Vida Religiosa, em seu conjunto, constitui a maneira específica de evangelizar própria do religioso" (DP 725), o documento enumera 4 tendências que se manifestam na Vida Religiosa na AL: a) a busca da experiência de Deus como dimensão essencial da evangelização; b) a busca de relações fraternas em diferentes estilos de vida comunitária; c) "abertura pastoral das obras e a opção preferencial pelos pobres" como "a tendência mais notável da vida religiosa latino-americana" (Puebla, 733); d) inserção na Igreja particular como "lugar" da vivência da vida religiosa e do "compromisso eclesial evangelizador".

Segundo, os bispos enumeram uma série de dificuldades ligadas às novas tendências: a) O novo horizonte e os novos empenhos têm levado muitos religiosos a um *ativismo* que sufoca a dimensão con-

templativa (ascese e espiritualidade). Esse é um campo onde temos hoje muito a reaprender. Como sermos hoje contemplativos na ação? Como construir uma espiritualidade para uma situação de conflito? (cf. Puebla, 729). b) O horizonte do mundo moderno descortinou-nos a percepção da subjetividade como valor. Mas no contexto ideológico pequeno-burguês ela se desvia para o *individualismo* que mina a comunhão e participação fraterna. As diferenças de mentalidade se tornam intransponíveis (Puebla, 732). c) O escândalo da pobreza provoca indignação. Alguns são tentados a atitudes extremadas, não compartilhadas pelos irmãos, num fenômeno que se poderia chamar de *vanguardismo*, que se nega buscar a mediação da comunidade religiosa. São levados a passar por cima da mediação e do processo do discernimento comunitários, em nome da urgência dos problemas e da dimensão da injustiça social (cf. Puebla, 735). d) A revalorização da Igreja particular fez com que os religiosos redescobrissem seu lugar dentro dela. Mas ainda não descobrimos como conviver dentro dela, como religiosos, que conservam a originalidade de seu carisma e desenvolvem ao povo de Deus os dons que o Espírito nele fez suscitar. Há, por isso, tensões entre a missão do bispo e o carisma próprio da Vida Religiosa, com a respectiva falta de diálogo (cf. Puebla, 737).

Terceiro, o Documento apresenta o marco doutrinário da Vida Religiosa: a graça da vocação da parte de Deus; o seguimento de Jesus Cristo expresso no "voto fundamental" a Deus, que, por sua vez, se articula através dos votos de pobreza, contra o ídolo da riqueza; de obediência, contra o ído-

lo do poder; de castidade, contra o ídolo do sexo e do consumismo.

Quarto, o documento oferece à Vida Religiosa *estratégias e orientações práticas*. Os votos são vividos concretamente através de mediações históricas: a vida, a missão, o serviço. É o que constitui a organização da Vida Religiosa e suas obras. Puebla oferece indicações em três linhas:

a) Na linha de revigoração da *identidade* da Vida Religiosa, o documento insiste, em termos gerais, que se deve aprofundar a consciência das dimensões essenciais (estruturais) da Vida Religiosa; em termos específicos, pede que se busque sempre a força original do carisma de cada família religiosa e a fidelidade ao próprio carisma.

b) Na linha do renovação de *instrumentos*, isto é, das obras e organizações que os religiosos vieram montando, os bispos pedem que os religiosos façam uma revisão das obras tradicionais, para que respondam à nova situação histórica da Igreja e da sociedade; abram suas perspectivas de trabalho para outras dimensões da realidade eclesial e social, principalmente para o mundo dos pobres, mas sem deixar a descoberto o campo das atividades tradicionais.

c) Na linha da eficácia histórica da *evangelização*, o documento pede a aproximação ao pobre e o compromisso preferencial com ele, no contexto da pastoral de conjunto.

Como se vê, o Documento de Puebla sobre a Vida Religiosa parece ser mais completo, incisivo e provocador do que o de Medellín. Colhe os frutos da década de 70, cheia de promessas para uma Vida Religiosa mais próxima do povo e dos po-

bres. A década de 80, chamada de "década perdida" pela crise econômica, decorrente da crise da dívida externa de muitos países do continente, é também um tempo de passagem acelerada para o que hoje chamamos de "pós-modernidade": o avanço da revolução tecnológica e a complexificação da sociedade tornam insuficientes algumas categorias de análise do conflito social – como o conceito de classe – e se começa a perguntar também pela dimensão cultural para dar conta de fenômenos sociais complexos. Além disso, na AL os regimes autoritários começam a dar lugar à democracia formal. Na Igreja o refluxo neo-conservador começa a tomar forma e influenciar as decisões no campo eclesial e da Vida Religiosa.

#### 4. Uma nova pedagogia pastoral (Santo Domingo/1992)

Puebla representou a busca de uma nova estratégia pastoral. A Conferência Geral de Santo Domingo teve um objetivo específico: comemorar os 500 anos da evangelização do continente e fazer-lhe um balanço. O seu tema já nos direciona para isso: *Nova Evangelização, Promoção humana, Cultura Cristã*. Ele nos conduz para uma evangelização inculturada que, certamente, postula uma pedagogia pastoral adequada.

Essa Conferência Geral tem um *contexto* diferenciado. Anotamos rapidamente alguns aspectos. No plano sócio-cultural, o avanço da pós-modernidade com reflexos na sociedade e na Igreja, sobretudo do individualismo, do pluralismo cultural e religioso sem contornos. Nos anos 60-70 do século XX tínhamos um processo sócio-político e eclesial mais politizado, motivado, diga-se de passagem, pela luta contra

os regimes autoritários da época. Os anos 90 do séc. XX mostram-se mais "despolitizados", mais "espiritualistas". Cresce a busca de novas religiosidades sob o comando dos desejos e demandas subjetivas. A religião se transforma cada vez mais em "mercadoria" para ser consumida para a construção da própria biografia sob o impulso do "imperativo herético" (P. Berger). O sistema de valores tradicionais perde sua plausibilidade. Os indivíduos estão remetidos cada vez mais a si mesmos para fazerem escolhas de todas as ordens, na ética, na religião, na sexualidade etc. Outro fato de grande repercussão foi a queda fragorosa do socialismo real e a solene entrada em vigor do neoliberalismo triunfante. A utopia de uma sociedade mais justa e igualitária se enfraquece.

No plano eclesial continua o refluxo para posições mais seguras. O processo de recentralização iniciado ainda na década de 70, avança cada vez mais, colocando em risco o grande ganho de Medellín, a valorização da Igreja particulares ou locais como sujeito da vida eclesial e da missão. Esse caminho parece de ora em diante minado pela ascensão dos novos movimentos eclesiais transnacionais. Eles são mostrados pelo centro como a "primavera" da Igreja. Enquanto isso, as Comunidades Eclesiais de Base e as pastorais sociais têm dificuldades de se articularem em suas próprias Igrejas locais. A teologia da libertação, hostilizada e batida nos anos 80, continua presente e ativa, mas inspira cada vez menos as grandes opções eclesiais no novo contexto.

O documento de Santo Domingo já não tem a mesma força profética de Medellín e Puebla. Falou-se de "redirecionamento", de "ajuste pastoral"<sup>13</sup> do itinerário da Igreja na AL, num novo realinhamento com o centro da Igreja. Há mudanças visíveis na questão do método. Santo Domingo não parte da realidade do continente, como Medellín e Puebla. Ele parte da doutrina. Privilegia a dimensão religiosa da evangelização e relativiza a dimensão sócio-política e transformadora, enfraquecendo o compromisso social. Privilegiando a dimensão sócio-cultural, se distancia da visão sócio-estrutural. A linguagem já não é mais a da libertação, mas a da promoção humana.

Pode-se observar a consequência desse novo posicionamento da Igreja na AL concretamente numa pregação mais "querigmática", espiritualizante, ao gosto das emoções pós-modernas, no púlpito midiático da era informacional. É uma pregação que privilegia a experiência religiosa dos sujeitos e se alimenta pouco de conteúdos objetivos da fé.

Mas nem tudo está perdido em Santo Domingo. Nele encontramos uma chave de leitura do Documento nos dois grandes temas: da promoção humana e da inculturação. Eles postulam uma nova pedagogia pastoral para o projeto da nova evangelização. A discussão central de Santo Domingo foi, justamente, em torno da "nova" evangelização. Como deve ser a evangelização para ser nova em relação aos processos tradicionais de evangelização? O que ela pede de nós?

A abordagem da dimensão cultural deve

<sup>13</sup> Cf. BOFF, Cl. "Um 'Ajuste pastoral'. Análise global do Documento do IV CELAM, em VÁRIOS, *Santo Domingo. Ensaios teológico-pastorais*, Vozes, 1993, pp. 9-54. 10s.

conduzir à busca de uma *pedagogia pastoral* adequada à diversidade cultural do continente e às exigências de sua complexa realidade pastoral. Exige, conseqüentemente, a inculturação da fé a partir da riqueza cultural dos povos latino-americanos.

Sem entrarmos nos meandros das discussões de Santo Domingo, o Documento final, apesar das dificuldades e entraves da preparação, faz um grande progresso na definição do que se deve entender por nova evangelização. Ele exige a articulação entre promoção humana e inculturação como dimensões constitutivas da nova evangelização. Explicitamos a seguir nossa compreensão de Santo Domingo no seu todo

Primeiro, a *promoção humana*. Em Santo Domingo o foco dessa promoção humana não está simplesmente na questão econômica ou política. Ela deve ser entendida no sentido da libertação integral. Ou seja, no fato de promover a pessoa humana, especialmente o pobre, enquanto sujeito, capaz de construir solidariamente a história com os outros. Por isso, a nova evangelização, para ser nova, deve reconhecer o outro como sujeito. "Uma evangelização que não promova a pessoa como sujeito na sociedade e na Igreja, como participante de um processo histórico de libertação integral, é outra e não essa 'nova' evangelização"<sup>14</sup>. Sob esse aspecto se garante a continuidade com Medellín e Puebla.

Santo Domingo acontece dentro de um contexto histórico já em descontinuidade com o de Medellín e Puebla, cuja sensibili-

dade é marcadamente sócio-política. Agora a sensibilidade é outra. Por um lado, se reconhecem diferenças dentro do sujeito coletivo, definido genericamente como "o pobre". Dentro dele encontram-se as diferenças de gênero, de etnia e de cultura. Por outro, há uma constante preocupação com o cuidado da criação, com a ecologia.

Assim, o primeiro passo para a nova evangelização é o reconhecimento do outro como sujeito. Sem esse passo voltamos aos processos anteriores da evangelização que exigiam a submissão e a negação do outro como sujeito histórico, onde o pobre é dominado pelo senhor, o índio é reduzido ao branco, o negro escravizado, e a mulher submetida ao homem.

Segundo, a *evangelização inculturada*. A nova evangelização deve ser inculturada. Inculturação se entende aqui não simplesmente como conceito da antropologia cultural, mas como conceito teológico, fundamentado no princípio da encarnação. A inculturação deve ser pensada em analogia com a encarnação. Como em toda analogia, deve-se preservar a diferença. Enquanto pela encarnação o Verbo eterno vem desde o Pai e se insere na história, numa cultura que antes não lhe cabia, na inculturação "o sujeito humano vai ao outro, já culturalmente situado, a partir de sua própria cultura. Ambos se situam no mesmo nível, marcados que estão, cada um, por sua própria cultura, sua maneira de ser, de viver e de produzir sentido, que lhes define a identidade pessoal e social"<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> CALIMAN C. "A trinta Anos de Medellín: uma nova Consciência eclesial na América Latina", 1999, p. 177.

<sup>15</sup> CALIMAN, C. "Aproximação, Solidariedade e Identificação. Uma leitura cristológica do Documento de Santo Domingo", em E. PINHEIRO (org.), *Santo Domingo: uma Leitura pastoral*, Paulinas, 1993, p. 86.

Na preparação da Assembléia de Santo Domingo havia duas tendências na abordagem da questão da cultura e inculturação<sup>16</sup>. Uma compreendia a cultura como a consciência consolidada de um grupo social, ligada a formas culturais já assentadas historicamente. Essa corrente tendia a compreender a "cultura cristã" como "meta-cultura, reguladora das demais", superior às demais. Preferia falar de "evangelização da cultura". A expressão "cultura cristã" nesse contexto, dificilmente escapa à suspeita de fazer parte de uma proposta de uma nova cristandade.

A outra tendência buscava justamente uma compreensão mais dinâmica e procesual. Apresenta a cultura como processo ligado ao mundo vital dos sujeitos históricos concretos. Esse mundo vital dos sujeitos culturais é diferenciado, plural. Neste sentido, a evangelização para ser nova deve partir do pressuposto de que "toda cultura pode chegar a ser cristã, ou seja, a fazer referência a Cristo e inspirar-se nele e em sua mensagem"<sup>17</sup>. Essa tendência prefere falar de "evangelização inculturada". Ela visa a promoção da pessoa humana no sentido da libertação integral e a inculturação do Evangelho nas culturas.

Uma interpretação mais coerente de Santo Domingo dentro da tradição eclesial iniciada por Medellín certamente vai nessa direção. Essa foi a intenção da própria Assembléia<sup>18</sup>.

O que o Documento de Santo Domingo diz da Vida Religiosa? Diretamente são apenas 7 pontos, ns. 85 a 91, e o n. 275 sobre a Vida Religiosa a serviço da educação católica. É um resultado magro em relação às orientações de Puebla. Mas podemos cavar mais fundo, nas exigências para uma nova evangelização do continente, expostas acima. A Vida Religiosa sempre esteve associada à tarefa árdua e sacrificada da evangelização desde a chegada de espanhóis e portugueses por aqui. A partir das exigências de Santo Domingo para a evangelização, a Vida Religiosa deve sentir-se estimulada, primeiro, a dar continuidade em tempos tão diferentes à missão evangelizadora, a que sempre esteve associada; segundo, perseverar na grande tradição iniciada em Medellín, pelo reconhecimento da dignidade do pobre como sujeito e no compromisso pela promoção humana no sentido de Medellín e Puebla; terceiro, profeticamente ser "vanguarda" na missão da Igreja, buscando as "fronteiras", abraçando a causa da evangelização inculturada junto aos pobres em geral, e aos indígenas, afro-descendentes e minorias, mais especificamente.

Os tempos são diferentes. O clima cultural do início de milênio é outro<sup>19</sup>. Mas a tarefa continua. 14 anos depois de Santo Domingo, o que podemos esperar da Conferência Geral de Aparecida?

<sup>16</sup> TABORDA, F. "Nova Evangelização, Promoção humana, Cultura cristã. Leitura crítica dos três conceitos e sua articulação no Documento de Santo Domingo". Trabalho apresentado à Equipe de Reflexão Teológica da CRB, dezembro de 1992, p. 9ss.

<sup>17</sup> JOÃO PAULO II, "Discurso Inaugural", *Conclusões de Santo Domingo*, Loyola, 1993, nº 4.

<sup>18</sup> Cf. Santo Domingo, Terceira Parte, 287-303, em que se tiram as "Linhas pastorais prioritárias" para a Igreja na AL e no Caribe.

<sup>19</sup> Cf. LIBÂNIO, J. B. "Memória de Santo Domingo até nossos dias", *Vida Pastoral* 249 (2006) 22-27.

## 5. Aparecida/2007: uma espiritualidade para tempos novos?

Em maio de 2007 reúne-se a V Conferência Geral do Episcopado latino-americano e caribenho em Aparecida do Norte, São Paulo, junto ao Santuário nacional dedicado a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. Tratará do tema: *Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nele nossos povos tenham Vida*. O enunciado aponta na direção do cultivo da identidade da fé cristã, já no clima cultural desse início de milênio, diferente do clima cultural do tempo do Concílio, de Medellín e Puebla. Entre os múltiplos fenômenos que fazem do nosso tempo diferente do passado, acentuamos duas coisas: o avanço do individualismo e do consumismo, pela influência que exercem no campo cultural e religioso.

Vivemos hoje num contexto diferente do tempo das cristandades. Nelas havia certa homogeneidade cultural cristã. Os códigos de leitura da própria experiência religiosa se encontravam "à vista" na cultura cristã. Nosso tempo está sendo caracterizado por alguns como pós-cristão, ou pós-cristandade. Nele é de fundamental importância a personalização da fé, ou seja, refazer o elo perdido entre a pessoa

e a fé compartilhada na Igreja, a fé eclesial. Para que o fiel discípulo de Jesus Cristo chegue a ser missionário é preciso que a apropriação subjetiva da fé como experiência pessoal seja acompanhada por uma adesão firme aos conteúdos objetivos da fé<sup>20</sup>. Só assim o individualismo religioso pode ser vencido. Desta forma, o cultivo da intimidade com o Deus de Jesus Cristo se torna fonte de entusiasmo missionário.

Como entra a Vida Religiosa nesse tema? Tem tudo a ver com ele. A raiz batismal da Vida Religiosa nos diz da vocação de todo cristão à santidade de vida, da exigência evangélica para uma presença profética na sociedade e na Igreja, como sinal escatológico do Reino. A Vida Religiosa deve aprofundar esse projeto evangélico do discípulo de Jesus Cristo. Ela é um modo excelente de "chegar a ser cristão"<sup>21</sup>.

Nesse projeto a Vida Religiosa certamente deverá apontar para o núcleo irradiador da evangelização, a espiritualidade cristã, renovada a cada tempo. A chave da eficácia missionária, evangelizadora, da Vida Religiosa, como da Igreja em geral, não está simplesmente na eficiência organizativa de nossas instituições, mas na *espiritualidade* que se alimenta da presença viva do

<sup>20</sup> Essa questão é tradicionalmente definida pela relação postulada entre a *fides qua creditur*, ou seja, a fé subjetiva, pela qual nós cremos, e a *fides quae creditur*, ou seja, a fé objetiva, o que nós cremos, os artigos da fé cristã. Ora, a "fé (pós-)moderna" privilegia a fé subjetiva. Ela reserva à consciência individual a tarefa de definir o que significa "ser crente". Trata-se de uma fé referida ao sujeito crente, à sua experiência. É uma fé "intransitiva". Não faz o percurso do círculo hermenêutico para a interpretação de si mesmo, nem se define pela conversão ao outro, mas pela volta sobre si. Falta-lhe a prática de vida em conformidade com o objeto da fé. Produz um cristianismo terapêutico, como cura das próprias angústias e medos, como apoio nas incertezas do mundo adverso. A fé deixa de ser espada cortante, crise do mundo, denúncia da injustiça...

<sup>21</sup> Cf. SOBRINO, J. "La Vida Religiosa en el Tercer Mundo", em *Resurrección de la verdadera Iglesia*, Ed. Sal Terrae, 1981, p. 317: define a Vida Religiosa "no meramente como uma forma de 'ser cristiano', sino de 'llegar a ser cristiano'".



Senhor e se expressa no compromisso com a transformação do mundo.

Concluindo: tentamos traçar o itinerário da Igreja e, com ela, da Vida Religiosa na AL, inspirando-nos nos grandes Documentos das Conferências Gerais do Episcopado. Passamos pela redescoberta da dimensão social da fé (Rio/1955); por uma nova visão da realidade do continente e suas consequências para uma nova consciência eclesial na AL (Medellín/1968); pela definição de uma nova estratégia pastoral para responder a uma nova compreensão da missão evangelizadora (Puebla/1979); pela busca de uma nova pedagogia pastoral como exigência de uma evangelização in-

culturada. Com o olhar voltado para a próxima Conferência Geral de Aparecida, pela orientação do tema, chegamos à espiritualidade. A cada passo a Vida Religiosa é convocada a dar a sua resposta, conforme o seu carisma.

Resta-nos esperar que a Assembléia de Aparecida ouça a voz da realidade do continente, especialmente dos pobres, no compromisso com a justiça social; ouça a voz das Igrejas da AL e do Caribe, para que nossos povos tenham realmente Vida plena.

---

Endereço do autor:

Av. 31 de março, 435

30535-000 Belo Horizonte - MG

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1- Você e sua comunidade estão acompanhando o processo de preparação da V Assembléia Geral do CELAM? Como?
- 2- Que opções das Assembléias anteriores você considera mais importantes para a vida da Igreja na América Latina, particularmente no Brasil?
- 3- Na sua apreciação, quais são as principais expectativas da Igreja no Brasil em relação com a V Assembléia Geral do CELAM?

**“É tempo de aprendermos da nossa história eclesial e de Vida Religiosa latino-americana, para enfrentar os desafios de hoje e sermos, assim, capazes de preparar o futuro.”**

# O Evangelho de Judas Traidor ou libertador?

FREI JACIR DE FREITAS FARIA, OFM

A descoberta e tradução do Evangelho de Judas despertou polêmicas sobre o seu papel na história. Teria Jesus pedido a Judas para que o traísse? Qual o significado desta descoberta e da traição de Judas? Qual é o contexto do Evangelho de Judas? Judas deixou de ser traidor para se tornar libertador? Qual a importância desta descoberta para o cristianismo?

## 1. Judas em fragmentos apócrifos

A descoberta do Evangelho de Judas não é primeira informação que temos sobre esta personagem importante na história do cristianismo. Outras histórias foram conservadas sobre ele. Como veremos, elas não vão de encontro com os relatos do Evangelho de Judas.

Alguns fragmentos de textos coptas, chamados assim porque foram encontrados nesta língua, considerada um dialeto do grego, falado no Egito. Eles foram escritos entre os séculos V e VII da Era Comum. As histórias sobre Judas contadas nestes textos são:

a) Na multiplicação dos pães, Judas foi o último a distribuir os pães para a multidão.

b) Num fragmento intitulado *A história da mulher de Judas* conta que ela, considerada má, recebia o dinheiro que

Judas roubava da bolsa comum dos apóstolos. Ele não dava o dinheiro para os pobres, mas para a sua mulher, que se alegrava com essa sua atitude. Quando Judas chegava em casa sem dinheiro, ela zombava dele. A sua mulher era tão perversa, segundo o texto, que foi ela quem sugeriu a Judas entregar o seu Mestre Jesus aos judeus em troca de dinheiro. Judas aceitou a sugestão da mulher e com isso, entregou sua alma para o Demônio. O texto liga a ação da mulher de Judas com Adão que se deixou levar por Eva. Judas recebeu o dinheiro dos judeus e o levou para a sua perversa mulher. E o texto termina bruscamente. Esta história quis transferir para a mulher a culpa de Judas, o que era importante na visão machista da época.

c) Nesta mesma linha, a de transferir a culpa de Judas para a sua mulher, um outro fragmento apócrifo conta que no dia em que Judas entregou Jesus e recebeu os 30 pesos de prata, o filho de José de Arimatéia, de apenas 7 meses, que era amamentado (criado) pela mulher de Judas, não quis mais alimentar-se. José de Arimatéia foi à casa de Judas. O menino, então, disse: -"Vem, meu pai, e tira-me das mãos desta mulher, que é uma fera selvagem". Ouvindo isso, o pai o levou consigo.

d) Significativo e contrário ao Evan-

gelho de Judas, há um fragmento apócrifo que narra o encontro de Jesus com Judas, depois da morte. Quando Jesus morreu, ele desceu à mansão dos mortos antes de ressuscitar. Ali, ele salvou a muitos. Encontrando-se com Judas, Jesus lhe disse: "que vantagem tiveste, entregando-me? Sofri todas as dores para salvar uma criatura. Mas ai de ti, Judas! Caia sobre ti duplo anátema e dupla maldição". E o texto termina: "A parte de Judas é a mesma do diabo. Seu nome foi cancelado do livro da vida. Seu destino não está no número dos viventes. Sua lembrança foi destruída, apagada a sua estrela. Com ele Satanás recebe também a sua condenação, pois está coberto de desprezo. Foi-lhe tirado o posto, roubada a coroa. Estranhos tomaram-lhe os bens e ele se revestiu de maldição. Foi contaminado como água suja. Foi-lhe roubado o seu hábito de glória. A luz de sua candeia foi apagada. Sua casa ficou deserta. Seus dias foram abreviados. Esgotou-se sua vida. Não há mais paz. A dor veio a seu encontro. Foi agarrado pelas trevas, tornou-se herança do verme. Está coberto de podridão".

## 2. O contexto do Evangelho de Judas

Se os textos acima estão datados entre os séculos V e VII, o Evangelho de Judas e sua tradução para o copta encontram-se em uma época bem anterior. A existência de um tal Evangelho de Judas já é conhecida desde o ano 180 d.C, quando Santo Irineu, Bispo de Lyon (Gália Romana),

mencionou em seu tratado *Contra as Heresias* este evangelho, catalogando como pertencente a um grupo de heréticos, chamados de cainitas, originários dos gnósticos. Para Irineu este evangelho é ficção. Também Santo Epifânio, Bispo de Salamina, em 375 mencionou o Evangelho de Judas, classificando-o da mesma forma que Irineu.

A datação do Evangelho de Judas recai sobre o século II, em torno ao ano 150. O manuscrito encontrado recentemente é datado entre o início do século III e início do século IV.

O contexto do Evangelho de Judas remete aos gnósticos, grupo que influenciou o cristianismo emergente (120 a 240 E.C.) e se estendeu até o séc. VIII em várias ramificações, na Palestina, Ásia Menor, Egito, Síria, Arábia, Pérsia e Roma<sup>1</sup>. Valentino, um teólogo do séc. II da E.C., tornou-se notório na influência recebida dos gnósticos e divulgação do pensamento gnóstico em suas obras. No ano 381 da E.C., quando o imperador Teodósio I reconheceu oficialmente um único ramo do cristianismo como ortodoxia católica no Império Romano, os gnósticos e outros tantos grupos considerados "heréticos" foram perseguidos e aniquilados.

O grupo dos gnósticos vivia de modo coeso e sectário, o que não lhes faltaram resistências advindas do mundo cristão. Eles tinham um modo próprio de se comunicar e levavam uma vida ascética. Aqueles que entravam no grupo passavam por um batismo ritual. Os gnósti-

<sup>1</sup> Cf. Jacir de Freitas Faria, *O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos. Uma leitura de gênero*. 3ª Ed., Petrópolis: VOZES, p. 16-17.

cos acreditavam que os seres humanos estariam divididos entre *gnósticos* e *não-gnósticos*. Ser gnóstico era o mesmo que "ser capaz de alcançar o conhecimento". *Gnosis* é um substantivo grego que significa "conhecimento" de modo profundo. Segundo o mito gnóstico das origens, um "Salvador celestial foi enviado para 'despertar' a humanidade gnóstica, para dar-lhe o conhecimento (*gnosis*) de si mesma e de Deus, para libertar as almas do destino e da escravidão do corpo material, e para ensiná-las como escapar à influência dos malévolos 'governantes'. Para contrapor-se ao mau espírito desses governantes, um bom espírito foi derramado sobre os gnósticos. Conforme a maneira como reage e adquire conhecimento, a alma escapa e retorna a Deus, ou se reencarna em outro corpo; uma 'punição eterna' especial está reservada aos apóstatas da seita". Assim, os gnósticos defendiam que a salvação era adquirida através do conhecimento de Deus.

Algumas correntes gnósticas acreditavam que Deus, na sua essência, tinha o elemento feminino e masculino. Deus era visto como "Mãe-Pai".

Tendo Set, filho de Adão, como ancestral e modelo, cada gnóstico procurava viver na contemplação e no ascetismo, negando a matéria, o corpo que aprisiona a alma que deve ser libertada. Jesus era exemplo de gnóstico perfeito. As mulheres eram mestras e sacerdotisas em alguns grupos gnósticos, embora considerassem, sob influência das filosofias da época, que a matéria criada era feminina. Grupos gnósticos chegaram a ser hostis à mulher. Mem-

bros desse segundo grupo chegaram a colocar na boca de Pedro o pedido a Jesus que expulsasse a mulher Madalena do meio deles, pois essas não eram dignas da vida (*Evangelho de Tomé*, 114).

Os gnósticos ensinavam que cada pessoa podia atingir a salvação através da harmonia e da busca interior. Não eram necessárias as instituições e suas práticas ritualísticas para atingir a salvação. Como consequência dessa visão, a salvação tinha um caráter mais pessoal que coletivo. Não importaria tanto a visão messiânica e revolucionária que o cristianismo defendia. E é nesse contexto de libertação espiritual que podemos compreender a negação do corpo. Os docetas e encratistas, grupos originários dos gnósticos, ensinavam, respectivamente, que a encarnação de Jesus era só aparente e que a abstinência sexual, a virgindade era um caminho seguro de salvação. O sofrimento de Jesus na cruz, não poderia, segundo os gnósticos, salvar àqueles que aderissem à Igreja de Cristo. Por esse e outros motivos, a Igreja lutou ferrenhamente contra os gnósticos, relegando-os à heresia. Com isso, o que era bom e ruim do gnosticismo foi condenado ao ostracismo.

O Evangelho de Judas foi escrito por um grupo de gnósticos que se intitulavam Cainitas, nome derivado de Caim, filho de Adão. Eles consideravam Caim e Judas Iscariotes como modelos de gnósticos. Caim e Judas representavam o lado mal do Deus criador. Eles mataram o bem (Abel e Jesus) para que eles pudessem vencer o mal. Os gnósticos cainitas eram considerados um dos grupos mais libertinos da época. A inspiração em Judas

tinha como objetivo encontrar a salvação. Judas, ao trair Jesus ou aceitar o pedido de traição, teria cumprido o seu papel na história cristã, o de revelar o conhecimento que salva. Assim, a traição de Judas estaria em função de Jesus, de sua libertação. Judas teve a capacidade de conhecer a verdade sobre o mistério da salvação trazida por Jesus. E foi por isso que ele consumou o mistério da traição.

### 3. Judas no Evangelho de Judas

Considerado texto perdido até 1978, quando foi descoberto uma tradução do texto original grego para o copta, nas proximidades da cidade de El Minya, no Alto Egito, o Evangelho de Judas consta de 26 páginas. Ele foi vendido na Europa, chegou aos Estados Unidos e ali permaneceu em um cofre durante 16 anos. Em 2001 iniciou-se o seu processo de restauração e tradução.

O livro apresenta temáticas do pensamento gnóstico, colocadas na boca de Jesus, de Judas e os apóstolos. Vários diálogos são travados entre Jesus e Judas, o mestre e o discípulo. Este procedimento era normal entre os gnósticos. Outros evangelhos apócrifos gnósticos têm o mesmo gênero literário. Vejamos alguns trechos do Evangelho e seu comentário<sup>2</sup>.

#### *Judas: o discípulo predileto*

O Evangelho de Judas começa afirmando que o texto se trata do "relato

secreto da revelação que Jesus falou em conversação com Judas Iscariotes durante uma semana, três dias antes de ter celebrado a Páscoa".

Entre os gnósticos era comum este tipo de procedimento, o mestre revela segredos para os seus discípulos prediletos. Outros apócrifos gnósticos falam que Jesus revelou segredos para Maria Madalena, Tomé, etc. Este último, que nos canônicos duvida da ressurreição de Jesus, nos apócrifos recebe a revelação de três segredos de Jesus. Os outros apóstolos lhe pedem para revelá-los e Tomé se nega, dizendo que coisas terríveis aconteceriam se ele revelasse tais segredos. Também nos evangelhos canônicos, Jesus revela ou explica questões para os apóstolos em particular. Quem não fazia parte do grupo próximo a Jesus tinha dificuldade de entender os seus ensinamentos. João, nos canônicos, é considerado o Discípulo Amado, predileto. Sem conhecer este modo de procedimento judaico ou literário daquele tempo, isto é, de um apontar um discípulo predileto do Mestre, não podemos entender o alcance deste tipo de revelação no Evangelho de Judas. Portanto, baseando-se somente no Evangelho de Judas não podemos dizer que ele era o discípulo predileto.

A revelação de Jesus para Judas está situada na semana da Páscoa, três dias antes desta festa magna do judaísmo. O número três situa o fato na esfera do divino. Trata-se de um simbolismo.

<sup>2</sup> Os textos citados foram traduzidos para o inglês por Eva Rodolphe Kasser, Marvin Meyer, and Gregor Wurst e editados pela The National Geographic Society em 2006.

## *Jesus não aparece em forma humana e ri*

A cena seguinte do Evangelho de Judas fala do ministério de Jesus na terra. Interessante que aqui se diz "ele frequentemente não aparecia para os seus discípulos como ele mesmo, mas era encontrado entre eles como uma criança". Para os gnósticos o humano, o histórico de Jesus não conta, mas o sublime, a realidade superior de onde ele veio. Apresentar-se como criança significa dizer que ele está aberto e puro para receber o conhecimento que conduz à salvação. O Evangelho apócrifo gnóstico de Tomé 22 diz que o Reino é semelhante a crianças que se amamentam. Este mesmo tipo de relação aparece nos evangelhos canônicos. O detalhe no Evangelho de Judas é o próprio Jesus, que se apresenta em forma de criança. Esta condição lhe possibilitava revelar segredos do além e dos fins dos tempos. Esta outra realidade, segundo os gnósticos era chamada de Pleroma, a realidade de onde ele provinha. Como gnóstico perfeito, Jesus teria o poder de salvar a todos que o conhecessem.

Estando na Judéia, com seus discípulos, Jesus ri durante a oração sobre o pão, na Oração de Ação de Graças ou Eucaristia. Os discípulos lhe perguntam pelo motivo do riso: "Mestre, por que você está rindo de nossa Oração de Graças? Nós fizemos o que está certo". Jesus lhes explica que o seu riso é porque eles, os discípulos, rezam para um "deus" diferente do dele. E ele diz ainda mais: "Vocês me conhecem? Na verdade, eu digo a vocês, nenhuma geração das pessoas que estão entre vocês me conhecerá".

## *Judas: o discípulo capaz de conhecer*

A continuidade do episódio anterior mostra que os discípulos ficam irritados e começam a blasfemar. Jesus, percebendo que eles não são capazes de "conhecer" o que ele está explicando, porque o deus deles os levara a esta situação, pede alguém dentre eles que seja forte, perfeito o suficiente, para se apresentar diante da sua face. Neste momento, Judas Iscariotes entra em cena. Os outros não são capazes de realizar tal ato, de se apresentar diante de Jesus. Judas, diz o texto, "era capaz de ficar diante dele, mas não podia olhar em seus olhos, e desviou sua face". Judas toma a palavra e diz para Jesus: "Eu sei quem você é e de onde veio. Você é do reino imortal de Barbelo. Eu não sou digno de pronunciar o nome de quem te enviou".

Jesus, percebendo a capacidade de conhecer de Judas, o chamou a parte e lhe prometeu revelar os "segredos dos mistérios do reino". Judas, no entanto, deveria estar preparado, porque ele sofreria muito com tal revelação. Quando Judas pergunta a Jesus pelo momento de tal revelação, ele desaparece.

Após esta afirmação a respeito de Judas, há uma longa descrição de uma nova aparição de Jesus e sua conversa com os apóstolos sobre o pensamento gnóstico: os imortais, eternidade, gerações. Há também uma narrativa de uma visão do Templo e seus sacerdotes. Jesus diz aos discípulos que ele os sacerdotes "planta árvores sem fruto em seu nome e de forma vergonhosa. Esta narrativa contra o poder hegemônico do cristianismo da época aparece também em outros textos gnósticos, como *Apocalipse*

de Pedro 79, 22-30, referindo-se aos bispos e diáconos, os chamam de "canais sem água". Estes relatos revelam o pensamento gnóstico que afirmava que não era necessário hierarquia eclesial para se chegar à salvação. Bastava um caminho pessoal, sem estruturas eclesiásticas. Todos os poderes, eclesiásticos ou não, eram considerados pelos gnósticos como malévolos. Eles poderiam impedir a libertação dos gnósticos e, por isso, deveriam ser combatidos.

### **Segredos revelados por Jesus a Judas**

A continuidade do Evangelho descreve os segredos que Jesus revela a Judas, em um diálogo travado entre eles. Seguindo o pensamento gnóstico, Jesus expõe para a Judas a condição da raça humana: ela deve morrer para libertar-se do corpo terrestre; precisa conhecer a si mesma e Deus e voltar, libertada, para a sua origem; possui maus governantes. Jesus também explica a Judas a visão que ele teve, fala de Adão, Set, Anjos, Cosmos, caos, os batizados em seu nome, etc. Quanto mais Judas conhece, mais ele está preparado para cumprir a sua missão na terra. Destacamos algumas revelações importantes de Jesus em relação à pessoa de Judas, ao seu destino.

**1. Judas é superior a todos os batizados.** Ao afirmar isso, Jesus diz que os "batizados" cometem o mal e oferecem sacrifícios ao Deus não verdadeiro. Este tipo de revelação foi preparado no relato do evangelho, de modo que Judas pudesse ser reconhecido por Jesus com uma tarefa especial entre todos os humanos.

**2. Judas, você será amaldiçoado e reinará sobre eles.** Judas revela a Jesus uma visão que teve: "Eu vi a mim mesmo, enquanto os Doze discípulos me apedrejavam e me perseguiram". Judas é colocado em oposição aos outros discípulos, que o apedrejam. Judas também pergunta a Jesus sobre o seu próprio destino e por que ele o havia escolhido dentre aquela geração, Jesus lhe diz "você tornar-se-á o décimo terceiro, será amaldiçoado por gerações, mas reinará sobre eles. O objetivo aqui é valorizar a figura de Judas, ao colocar na boca de Jesus estas revelações sobre ele. Judas vai superar os outros apóstolos porque ele vai cumprir o papel de libertar Cristo do corpo de Jesus. Vejamos o que isto significa no próximo segredo.

**3. Você, Judas Iscariotes, deve "sacrificar o homem que me reveste".** Mesmo que o texto do Evangelho de Judas, neste trecho, faltem substantivos, nota-se que Jesus justifica seu pedido a Judas, dizendo que ele está bem preparado, sua ira tinha sido aplacada, a sua estrela já estava brilhando o suficiente. Para os gnósticos, cada ser humano está revestido de um "homem" que deve ser libertado, de modo que possamos voltar às raízes de onde viemos. Jesus estaria aprisionado a um corpo. Judas teria que cumprir a missão sublime de libertá-lo, de modo que a centelha divina presente em Jesus pudesse brilhar e, assim, ele voltar ao Plemora (realidade superior). O mito gnóstico da criação diz que Cristo é um ser

metafísico que desce para unir-se a Jesus de Nazaré. Jesus é a encarnação de Cristo preexistente. O ato de Judas de sacrificar ou trair Jesus é perfeitamente compreensível na visão gnóstica. Ele não estaria "matando" Jesus, mas Cristo. Neste ponto do Evangelho de Judas encontra-se a polêmica criada em torno a esta descoberta. Mas isso não é novidade. Estudos do gnosticismo já nos evidenciaram este modo de pensar em outros textos. Considerar esta revelação, que não se firmou ao longo da tradição cristã, como verdadeira, é negar toda a historicidade do mistério da encarnação de Cristo no meio de nós e libertação que ele nos veio trazer. Por outro lado, é pena que o cristianismo fortaleceu muito a idéia da morte de cruz com o sofrimento e libertação de pecados. Na outra ponta da linha, se este segredo, o de entregar Jesus para libertá-lo do corpo, teria sido a missão de Judas, o cristianismo não teria se firmado como religião universal. Estamos, na verdade, diante de uma ficção. E aí temos que concordar com Santo Irineu. Um homem considerado mau, porque traiu, assim como Caím, que matou o seu irmão, gerando a violência nas origens, não pode ser considerado exemplo de salvação. Para os gnósticos e, muitos deles, também cristãos, isto era possível. Respeitemos ecumenicamente esta opinião e basta.

4. **Judas é a estrela que mostra o caminho.** Na seqüência do relato anterior, Jesus diz a Judas: "Levanta os olhos, vê a nuvem e a luz dentro dela

e as estrelas ao redor. A estrela que mostra o caminho é a tua estrela". Judas aqui é apresentado como estrela que aponta o caminho. Com isso ele estaria cumprindo o papel de libertar Jesus e trazer a salvação, com a traição, para todos. No evangelho canônico de Jo 13, 26-30, Jesus declara que um dos 12 o trairia. Pedro lhe pede para dizer quem é o traidor. Jesus declara Judas Iscariotes como traidor entregando um pedaço de pão umedecido no molho e lhe diz: "Faze depressa o que estás fazendo". A explicação não convincente no texto é de que Judas deveria comprar o necessário para a festa ou que deveria oferecer algo aos pobres, já que Judas cuidava da bolsa comum dos apóstolos. A pergunta que fica é: Qual a relação desta informação da comunidade de João, que por sua vez teve influência dos gnósticos, com o Evangelho de Judas que diz que Jesus pede a Judas para traí-lo? Haveria necessidade de Jesus indicar o traidor? Voltando ao Evangelho de Judas, a história de Judas como estrela que mostra o caminho termina dizendo que Judas entra numa nuvem luminosa. O que ocorre depois não sabemos porque o texto original está destruído. Menciona-se uma voz que sai da nuvem e alguns a ouvem, sem na verdade, relatar o seu conteúdo. Judas é exaltado por Deus, em Jesus. Este tipo de cena ocorre com Jesus glorioso. Um tal BarKoba, que significa, "Filho da Estrela" foi proclamado em 135 da nossa Era como o Messias do povo judeu, fato que foi desacreditado pos-



teriormente. Uma estrela guiou os reis magos até Belém para adorar Jesus, considerado por eles, como Rei dos Judeus.

#### 4. Conclusão

O Evangelho de Judas termina, após uma lacuna no texto, quando falava que ele entrou numa nuvem luminosa, de forma inesperada. Diz apenas que os escribas e sumos sacerdotes haviam se preparado para prender Jesus durante o momento de sua oração. Eles se encontram com Judas e lhe perguntam o porquê dele estar ali e afirmam que ele, Judas, era discípulo de Jesus. Judas responde a perguntas, recebe dinheiro deles e entrega Jesus.

Judas no papel de libertar Jesus, mas não de traí-lo. Judas não é o traidor. Jesus o pede para realizar tal ato. Como vimos, no Ev. de João a reflexão parece estar na mesma linha. Não estaríamos diante de um fatalismo? Judas não teve a liberdade para decidir. Se aceitamos este tipo de reflexão, teremos que concordar que a morte de Jesus foi também fatalismo. Ele tinha que morrer na cruz e basta. Não. Jesus não teria que morrer na cruz. A sua morte foi consequência de sua atitude revolucionária e libertadora.

A descoberta do Evangelho de Judas torna-se importante para o cristianismo na medida em que ela nos permite rediscutir o papel de Judas na história do cristianismo. O documento encontrado pode ser verdadeiro, mas não o seu pensamento. Obras de ficção também eram escritas naquela época. E é dentro de seu contexto que elas precisam ser compreendidas.

No entanto, perguntas permanecem: Por que os evangelhos canônicos apresentam Judas como traidor? Se Jesus era tão conhecido, por que ele precisaria de um delator? Jesus não era uma liderança tão conhecida do Império Romano? Ou todo grande personagem precisa de um grande traidor?

O nome Judas nos remete aos Judeus. Judas teria sido colocado na lista dos apóstolos para dizer que os judeus traíram Jesus. A figura de Judas foi criada para estigmatizá-los como traidores.

Como vimos, fragmentos apócrifos sobre Judas procuram transferir a sua atitude de traidor para a sua mulher. Ademais, Jesus ressuscitado, encontrando-se com Judas após a sua morte, o amaldiçoa pela traição cometida. Baseando apenas em um livro apócrifo não podemos tirar conclusões exacerbadas. O contexto de cada escrito precisa ser analisado. Não resta dúvida que o Evangelho de Judas faz parte de uma corrente de pensamento cristão que não se sedimentou como a verdadeira. Havia no início do cristianismo várias correntes de pensamento. Uma se torna a vencedora nas disputas teológicas.

O Evangelho de Maria Madalena, também trazido à tona em tempos modernos, deve ser analisado em outra perspectiva. Nele encontramos a mulher que foi destruída na sua liderança pelos homens do poder hegemônico. Ela é a mulher que tanto amou Jesus e que Jesus tanto amou.

Com o Evangelho de Judas somos instigados a repensar o seu papel na história da humanidade cristã. Por que este homem teve que carregar uma culpa tão

pesada? Queimar Judas em nossos dias não seria usar de violência com o povo judeu ou até mesmo com os Judas de hoje? Violência gera violência. Um Judas pode gerar outros Judas. Judas somos todos nós, quando traímos o projeto do evangelho, a vida na sua essência.

O Jesus histórico que pregou a libertação do ser humano de toda e qualquer vil opressão não poderia ter pedido para ser traído. O Evangelho de Judas pode nos ajudar a compreender ou trazer mais luzes para o estudo do gnosticismo, mas não mudar o curso da história cristã.

Embora, volto a dizer, urge repensar o papel de Judas.

---

Jacir de Freitas Faria é frade franciscano, Professor de Bíblia no Instituto Santo Tomás de Aquino, em Belo Horizonte e estudioso dos apócrifos. Tem publicado três livros sobre os apócrifos, a saber: *As origens apócrifas do cristianismo. Comentário aos Evangelhos de Maria Madalena e Tomé*, São Paulo: Paulinas; *O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos. Uma leitura de gênero*, Petrópolis: Vozes; *Vida secreta dos apóstolos e apóstolas segundo os Atos Apócrifos*. Petrópolis: Vozes.

Endereço do autor:

Praça São Francisco das Chagas, 195. Bairro Carlos Prates  
30710 -350 - Belo Horizonte - MG

E.mail: [bibliaeapocrifos@bibliaeapocrifos.com.br](mailto:bibliaeapocrifos@bibliaeapocrifos.com.br)

Página: [www.bibliaeapocrifos.com.br](http://www.bibliaeapocrifos.com.br)

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1- Você e sua comunidade têm acompanhado as discussões suscitadas pela publicação do apócrifo *O Evangelho de Judas*? Porque?
- 2- Depois da leitura deste artigo você se sente mais informado sobre o assunto? Em que aspectos?
- 3- Que aspectos necessitariam ainda maiores esclarecimentos?

**“Os gnósticos ensinavam que cada pessoa podia atingir a salvação através da harmonia e da busca interior.”**



**CRB**

**Impresso  
Especial**

050200140-2/2002 - DR/RJ

**CRB**

...CORREIOS...

## **Quadro Programático da CRB 2005-2007**

### **Horizontes**

- 1.** Uma espiritualidade evangélica que potencialize para o testemunho da partilha, para a profecia e anúncio missionário, e para acolher as mudanças necessárias, frente aos novos tempos.
- 2.** Vida Consagrada como sinal do Reino de Deus na opção preferencial, audaciosa, solidária e transformadora pelos empobrecidos e excluídos.
- 3.** Afirmação da identidade da Vida Consagrada no seu compromisso e missão com a causa da justiça, da paz, da reconciliação, sendo esperança para a vida do mundo, no seguimento de Jesus.
- 4.** Vida Consagrada como espaço de novas relações, particularmente de gênero, de etnias, de gerações e ecológicas.

### **Prioridades**

- 1.** Avançar na construção de alianças intercongregacionais na formação, missão, projetos comuns, e em parceria com organizações afins.
- 2.** Dinamizar o processo formativo para ser presença profética e testemunha de esperança diante dos desafios da realidade de hoje.
- 3.** Assumir as interpelações das novas gerações em seus dinamismos, exigências e potencialidades.
- 4.** Incentivar a vida fraterna e sororal em comunidade como espaço de testemunho evangélico, na interculturalidade.
- 5.** Cultivar uma mística enraizada na Palavra de Deus como fonte de coragem para responder aos desafios atuais.
- 6.** Resgatar de forma criativa a inserção em meios populares, bem como a missionariedade em regiões carentes, no mundo urbano, *ad gentes* e em realidades emergentes.

### **Realces**

- 1.** Potencializar uma formação humanizante com particular atenção aos desafios atuais e questões de identidade, liderança, poder e relações na Vida Consagrada.
- 2.** Fomentar uma economia solidária e partilha de recursos humanos e materiais, em vista de um testemunho mais efetivo.
- 3.** Buscar a comunhão com a CNBB, a integração com a CLAR e o diálogo com as novas formas de Vida Consagrada.
- 4.** Cultivar a consciência crítica e o discernimento evangélico que tornem a Vida Consagrada capaz de posicionar-se com determinação diante das situações de injustiça na sociedade.
- 5.** Dar prosseguimento ao processo de sensibilização da Vida Consagrada para questões emergentes, de modo particular vindas da juventude e as novas formas de animação vocacional.
- 6.** Ajudar as congregações e institutos em suas análises institucionais, em vista da refundação.